entre espaços

Espaço Público de Luanda

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DO TERRITÓRIO E PAISAGEM

Universidade Autónoma de Lisboa
Departamento de Arquitetura

Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura

entre espaços

Espaço Público de Luanda

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DO TERRITÓRIO E PAISAGEM

Orientadores
Arq.ª Inês Lobo
Arq.º João Vaz
Arq.º Joaquim Moreno

Valério de Jesus Barros de Freitas Neto

2015

Texto escrito segundo o Acordo Ortográfico de 1990

agradecimentos

A Deus, primeiramente, por habitar em mim.

Aos meus professores, Arq.ª Inês Lobo, Arq.º João Vaz e Arq.º Joaquim Moreno, orientadores, pela paciência e conhecimento transmitido e todos os outros professores que directa ou indirectamente me ajudaram e influenciaram durante todo o percurso de formação.

Aos meus pais pela força, motivação e por acreditarem em mim.

Às minhas irmãs pelo preocupação e incentivo.

À minha noiva, Indira Cruz, pelo amor e carinho incondicional.

Ao meu filho, Gabriel, pela alegria que irradia.

Aos meus colegas, pela presença, conselhos e ajuda em horas de aflição.

Ao meu avô, "Voto", que me acompanha lá de cima.

O meu sincero **Obrigado.**

indíce

resumo | abstract 010
objectivos 012
horizonte portugal / horizonte angola 014
o território angolano 021
introdução 022
contexto histórico 024
evolução da cidade 024
consequências de uma guerra civil 034
elementos geradores de cidade 039
estrutura urbana de luanda 040
espaço rodoviário 044
espaço edificado 046
espaço público 050
a praça 052
espaço público linear | baía de luanda 056
largo infante d. henrique e fortaleza de são miguel 058
largo rainha ginga e igreja nossa sr.ª dos remédios 060
praça museu da moeda e banco nacional de angola 062
largo do kinaxixe e antigo mercado do kinaxixe 064
largo da mutamba 066
largo lumeji 068
conclusão 070
horizonte angola | o centro 073
proposta 074
introdução 074
implantação 076
motivação 076
consequências 078
o edifício 080
programa 080
bibliografia 102
índice de figuras 104
anexos 107

entre espaços
centro de investigação do território e da arquitectura

r e s u m o | a b s t r a c t

Luanda, a cidade capital de Angola, que é considerada actualmente, entre outras 211 cidades, a cidade mais cara do mundo[1], pelo segundo ano consecutivo, coloca este estatuto em contraste com a realidade vivida na cidade.
Os vários anos de guerra (colonial e civil) devastaram a estrutura social do país, direccionando para a capital a esperança de sobrevivência e única possibilidade de prosperidade no país, que, consequentemente, desencadeou o êxodo rural em grande escala, num período de tempo muito curto.

Durante estes 39 anos de independência (desde 11 de Novembro de 1975), Luanda experienciou várias momentos no seu desenvolvimento urbano, tendo como resultado um acumular de realidades, de arquitecturas e de identidades que não se conseguem até hoje definir ou esclarecer.

Desta forma, encarando Luanda como uma multiplicidade de identidades, o conceito de Palimpsesto, como elemento que é constantemente reutilizado, ou a definição de Enciclopédia[2], como o local onde se reúne toda a informação, facilmente se aplicam à cidade de Luanda. Definições estas que podem ser atribuídas tanto a um espaço como a um edifício. Relacionar os espaços públicos, edifícios, que, tal como nestas definições, reúnem, de forma intrínseca, tanta história, com a dinâmica urbana de Luanda, será o ponto de partida para o trabalho proposto, percebendo assim as diferentes camadas deste “Palimpsesto urbano”.

Os espaços públicos e edifícios no centro da cidade, trabalham, maioritariamente, em conjunto e, quando ligados, criam uma rede, uma variedade de momentos urbanos que podem, por si, refletir a identidade de Luanda, pois, ainda que sejam completamente distintos, complementam-se.

“O caos é antes de mais um conceito, poderíamos quase dizer que é uma “filosofia” dos comportamentos dinâmicos. Útil, em primeiro lugar, é, portanto, antes de mais, tê-lo compreendido, depois, conhecendo os mecanismos que o favorecem, poder agir sobre ele.”
in “La Complexité, Vertiges et Promesses”, Réda Benkirane

Palavras-chave: Identidade; Espaço Público; Horizonte Portugal

Luanda, the capital city of Angola, which is currently considered, among other 211 cities, the most expensive city in the world for the second consecutive year, have this status in contrast to the city living experience.
The several years of war (colonial and civil) devastated the social structure of the country aiming hope of survival to the capital and the only chance of prosperity in the country, which consequently triggered a rural exodus at a large scale in a very short time period.

During these 39 years of independence (since November 11th of 1975), Luanda experienced several moments on its urban development, having as a result the accumulation of realities, architectures and identities that cannot be defined or clarified today.

Thus, considering Luanda as a multiplicity of identities, the concept of Palimpsest, as an element wich is being constantly reused, or the definition of Encyclopaedia, as the place that gathers all information, is easily applied to the city of Luanda. This definition can be attributed both to a space as to a building too. Linking public spaces and buildings that, such as on those definitions, gather themselves a lot of history, with the urban dynamics of Luanda, will be the starting point of the proposed work, learning that way the different layers of this “urban palimpsest”.

Public spaces and the buildings in the city centre, work mostly together and when they are linked, they create a network, a set of urban moments that can, by themselves, reflect the identity of Luanda, because, although they are quite distinct, they complement themselves.

“Chaos is primarily a concept; we could almost say it is a “philosophy” of dynamic behaviours. Useful, first of all, is to understood it, then, knowing the mechanisms that favours it, be able to act on it.“
In “La Complexité, Vertiges et Promesses” Benkirane, Réda

Keywords: Identity; Public Space; Horizonte Portugal

[1] Noticiado a 10 de Julho de 2014 pela Mercer, empresa subsidiária fundada em 1975 pela multinacional Marsh & McLennan Companies, Inc. (MMC), que é líder global em serviços de consultoria nas áreas de capital humano, benefícios, pensões e investimentos, resultado de inquéritos realizados em 211 cidades nos cinco continentes que medem o custo comparativo de mais de 200 itens em cada local, incluindo alojamento, transporte, alimentação, vestuário, bens domésticos e entretenimento, disponível em http://www.mercer.com/newsroom/cost-of-living-survey.html
[2] Influenciado pela instalação “Luanda, Cidade Enciclopédica” da Bienal de Veneza de 2013, vencedora do Leão de Ouro, que continua a pesquisa iniciada pela Beyond Entropy e desenvolve uma reflexão sobre o tema do “Palácio Enciclopédico” através do trabalho de Edson Chagas, um artista emergente angolano.



Fig.1. Bairros da Corimba e do Prenda

objectivos

O caos é uma realidade, os musseques são uma realidade, o trânsito é uma realidade, para confrontá-los e quiçá resolve-los, é necessária a completa aprendizagem do que é ser Luanda, não só a Luanda actual, mas também a do passado e a que se pretende para o futuro.

Assim, o presente trabalho pretende estudar a cidade de Luanda no que diz respeito ao seu traçado urbano, relacionando estes elementos com os seus habitantes e interacção entre ambos, passando por entender a situação da arquitectura e urbanismo anterior e posterior aos 3 principais momentos da história de Angola e consequentemente da cidade de Luanda; de 1950 a 1975; de 1975 a 2002; de 2002 a 2013; analisando o momento arquitectónico actual da cidade, as suas dinâmicas e estabelecer uma relação entre o passado recente, momento actual e aquilo que se perspectiva para a cidade.

O planeamento, gestão urbana e arquitectura praticados em toda a cidade, nestes diferentes momentos, tiveram significantes reflexos e consequências na forma como vive e se organiza a população da mesma, que tem actualmente em si já enraizados hábitos de vivência muito fortes, que, por sua vez, criaram uma dependência recíproca entre a Arquitectura e Indivíduo, tornando-a um dos temas fulcrais do trabalho, que pela sua interação vai resultar na aproximação e análise do Espaço Público como elemento arquitectónico e social.

Incentivando um debate sobre as velhas e novas formas de urbanidade, as possíveis consequências, dinâmicas inerentes e como abordar o futuro da cidade e população de Luanda, o trabalho é também influenciado pela plataforma virtual Horizonte Portugal, criada pelo arquitecto Duarte Belo, a fim de estudar e documentar a paisagem e território Português, que neste trabalho tem consequência directa na proposta final.

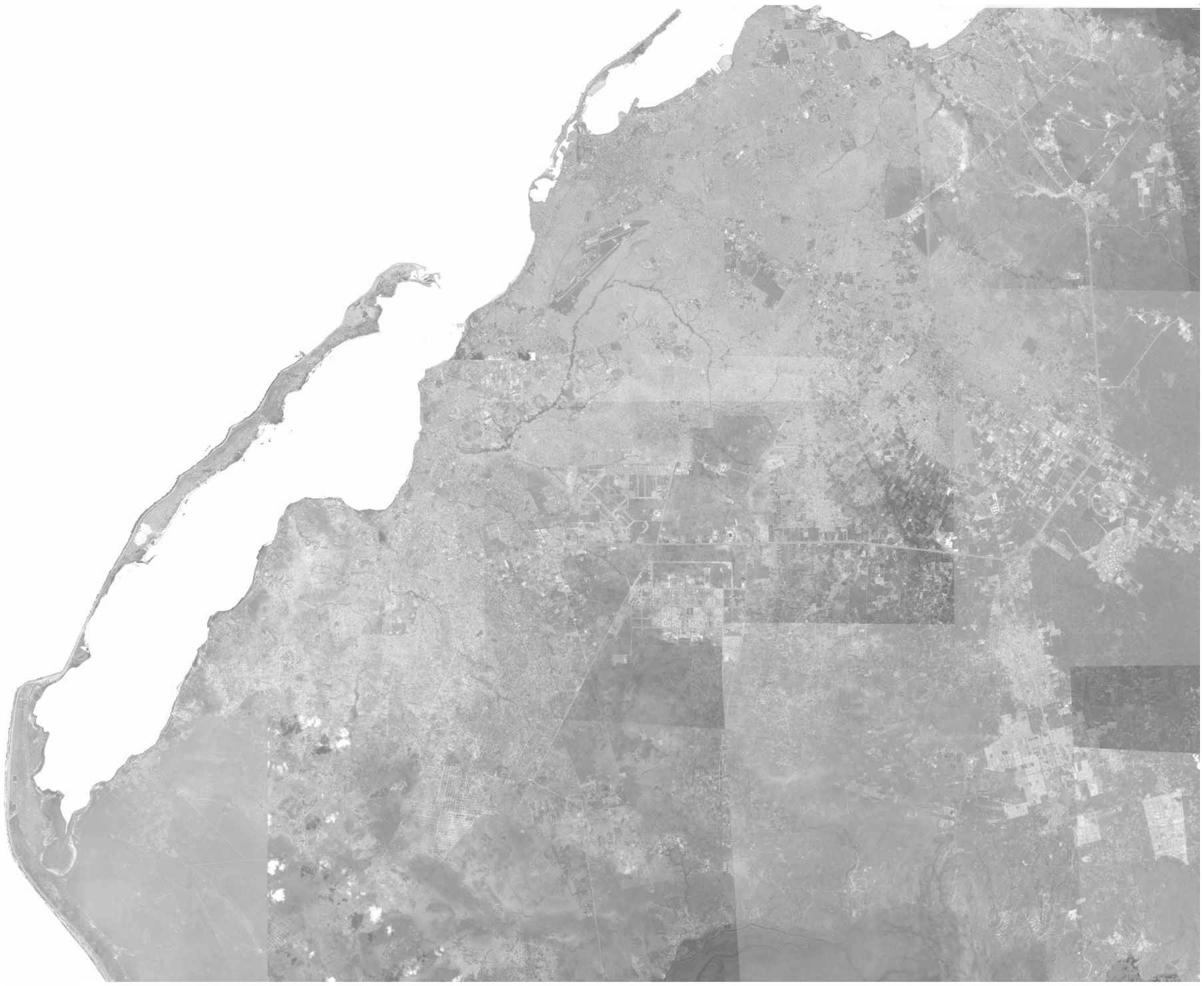


Fig.2. Imagem satélite de Luanda em 2013

horizonte portugal | horizonte angola

Duarte Belo, arquitecto português, nascido em 1968, inicia uma segunda actividade nos anos 80 directamente ligada à fotografia da paisagem e do território português, permitindo assim que no inicio dos anos 90 já tivesse um grande número de fotografias que desde então incentivaram a publicação de vários trabalhos como o "Portugal Património" que, reunindo mais de 600 mil fotografias tiradas em mais de 550 dias de trabalho de campo, pelo território português, é considerado um trabalho único em Portugal.

O país (Portugal) está em constante alteração, a todos os níveis e a um ritmo cada vez mais acelerado em que, depois de cerca de 25 anos, Duarte Belo afirma que são visíveis alterações profundas, principalmente nas grandes cidades, facilitadas pela nova rede de estradas que há 25 anos atrás não existia e a possibilidade de acesso automóvel a locais onde antes se limitavam apenas à circulação pedonal e que mesmo sem intervenção humana directa, com objectos de arquitectura, as paisagens alteram-se, também, pelas próprias condições climáticas do território, o que torna possível a percepção dessas mudanças até mesmo em paisagens não edificadas.

Todos os trabalhos realizados desde os anos 80 por Duarte Belo, tornaram possível a acumulação de imagens que não foram publicadas e que agora encontram um espaço de divulgação.

Surge então o *Horizonte Portugal*, uma plataforma virtual criada para a representação e divulgação do território, paisagem e arquitetura portuguesa, através da fotografia.

Criada para o público em geral, tendo também como objectivo cativar o interesse estudiosos da área que queiram, para diversos fins, ter maior conhecimento do território e da sua evolução/transformação, esta plataforma pode tornar-se num dos melhores elementos existentes para descrever visualmente a identidade do país.

Com esta plataforma virtual, surge a necessidade de materializá-la, criando um espaço físico onde, não só se armazene a informação sobre o país, mas também, se possa, de modo mais formal, ainda que com caractér académico ou público, investigar, pesquisar, elaborar trabalhos, criar workshops e exposições sobre a paisagem e território do País.

Esta possibilidade criada pela plataforma do Horizonte Portugal, encaixa perfeitamente na necessidade de descobrir Angola, a sua Paisagem e Território, tornando possível um maior conhecimento sobre as necessidades arquitectónicas e urbanísticas do país Africano, melhorando qualitativamente a acção profissional sobre estes temas.

Desta forma, criar um homólogo físico da plataforma virtual iniciada por Duarte Belo, em Angola, parece pertinente e define assim o programa da proposta final que resulta deste trabalho, um centro de investigação, um centro de estudos, ou um observatório, da paisagem, território, urbanismo e arquitetura do país, baseado no conceito do Horizonte Portugal, que pelos seus objectivos, poderá ser um caminho para o entendimento da evolução urbana de Luanda e Angola.

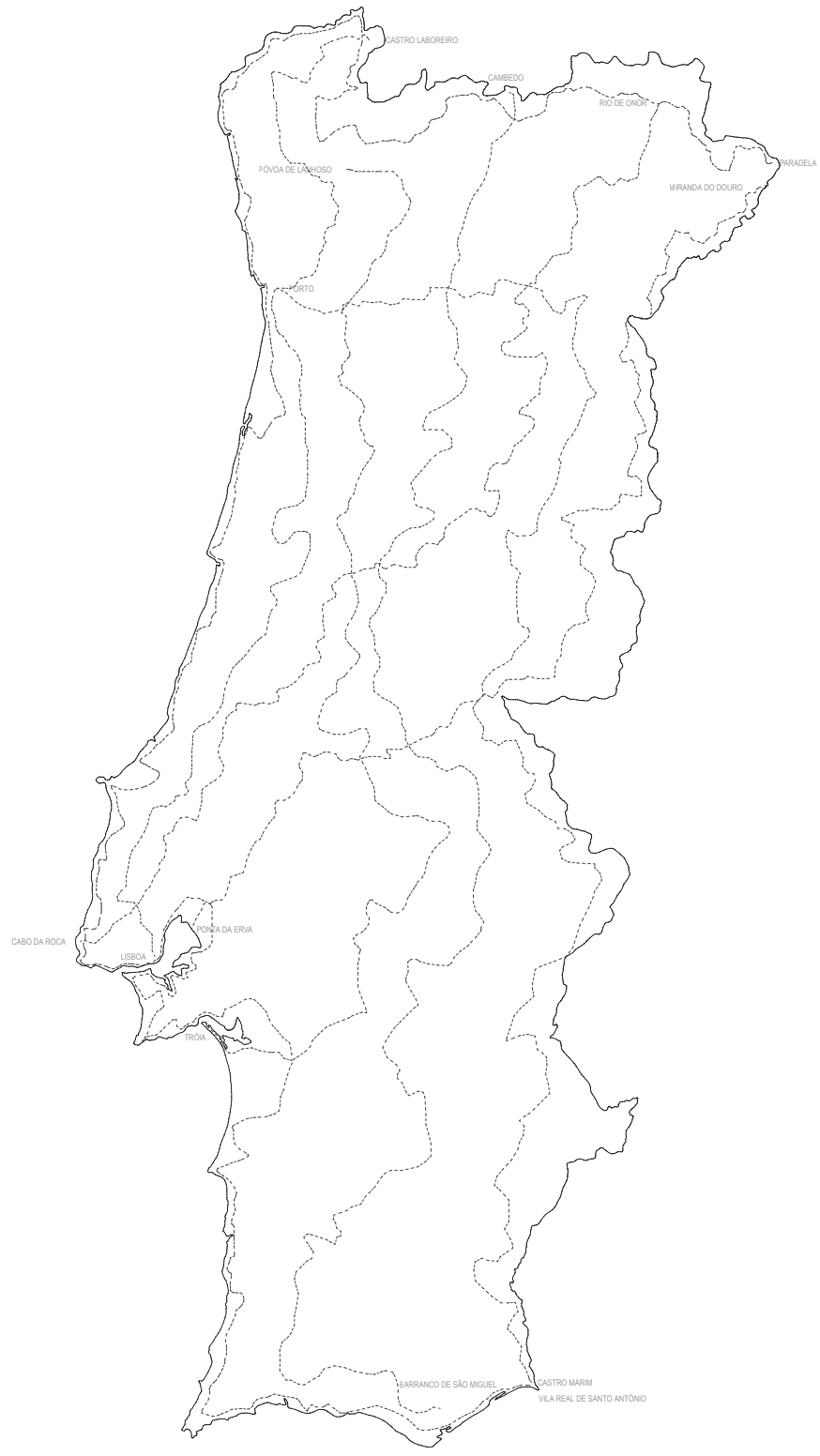


Fig.3. Mapa de itenerários da Exposição Horizonte Portugal


zona



Fig.4. Sé de Viseu





Fig.5. Praia da Ursa no litoral de Sintra

o território angolano

introdução

Angola é um país da costa Ocidental Africana que tem uma área de 1.246.700 Km2, é subdividida em 18 províncias, sendo Luanda a cidade capital.
Como uma das maiores taxas mundiais de crescimento anual e a maior de África, a cidade de Luanda desenvolve-se actualmente num ritmo bastante acelerado, aumentando o contraste entre o rápido e exponencial crescimento económico e o desenvolvimento da estrutura social que carece de vários elementos fundamentais.

A silhueta da cidade altera-se com o aparecimento de arranha-céus, tipologia de construção dominante na cidade, mas em simultâneo mantêm-se alguns, tímidos, testemunhos do que outrora eram os emblemáticos e principais edifícios da cidade, muitos destes, "filhos" do movimento Moderno europeu que teve também a sua vertente tropical em Angola. Edifícios estes que vão perdendo a sua imponência com o aparecimento das múltiplas novas construções, resultantes das tecnologias de topo, patrocinadas por uma condição financeira bastante superior, ou que são, por opção, destituidos da sua importância, chegando muitos à demolição.
Cresce a cidade, cresce a população, mas perde-se a noção da importância de identidade. Identidade esta quase nunca definida, por consequência da constante transição cultural e social vivida pela cidade e pelo país, que se reflecte sempre na arquitectura, construção e urbanismo

Estas transições resultam dos 3 períodos mais importantes da história da cidade capital e consequentemente do país:

De 1950 a 1975, ainda colónia portuguesa, Angola teve um intenso período criativo, onde ganhavam terreno os edifícios directamente influenciados pela Arquitectura Moderna praticada na Europa, nomeadamente por Le Corbusier, que, através dos seus pupilos Simões de Carvalho[3] e Vasco Vieira da Costa[4] , teve assim reproduzidos os seus conceitos em terreno Africano[5], organizando o território e planificando a cidade.

De 1975 a 2002, depois da guerra colonial, que permite a independência do país, a Guerra civil, desencadeou o "boom" populacional em Luanda, refúgio de milhões de Angolanos que na capital procuravam não só a Paz, mas também melhores condições de vida e uma nova oportunidade. Neste período a cidade cresce descontroladamente com construções informais e ocupações ilegais sendo poucos os sinais e exemplos de Arquitectura qualificada e desenvolvimento urbano.
Após quase 3 décadas de conflito e, consequentemente, de conturbada ocupação e desordenamento urbano, Luanda, começa a organizar o caos em que se encontrava, ajudando Angola a estar no topo dos países com maior crescimento económico por vários anos consecutivos.

Assim, de 2002 (ano em que oficialmente se decreta o estado de Paz após a morte de Jonas Savimbi, ex-Líder da UNITA) a 2013, assiste-se a uma transformação radical não só na extensão da ocupação do território, mas também na forma como passa a ser vivida a cidade. A gradual, mas persistente, tentativa de descentralização, afasta grande parte da população do considerado centro histórico da cidade, criando novas possibilidades de arquitectura e urbanismo. A transformação na densidade do centro da cidade, a mobilidade entre o centro da cidade e as periferias, permitem que sejam agora pensados temas como a qualidade do espaço público, que atá agora, não eram prioridade, permitindo pensar também agora sobre questões como património, memória cultural e, consequentemente, de identidade.

A necessidade de ser definida a identidade arquitectónica é fundamental para criar uma base coerente para propostas futuras de arquitectura e urbanismo na cidade.

[3] Fernão Simões de Carvalho, arquitecto e urbanista nascido em Luanda, estudou em Portugal e, em seguida, foi para Paris, ondei integrou o atloer de Le Corbusier por 4 anos.
[4] Vasco Vieira da Costa, sendo um dos pioneiros do urbanismo moderno em Portugal, com o plano das cidades-satélite de Luanda, identifica-se com a expressão formal e imagem da arquitectura realizada por Le Corbusier, tendo trabalhado com ele entre o periodo de 1946 e 1948.
[5] MAGALHÃES, Ana; Moderno Tropical; Edição Tinta da China. Lisboa 2009. P.195 a 197







Fig.6. Vista da baixa da cidade em 1888
Fig.7. Vista da baixa da cidade em 1970
Fig.8. Vista da baixa da cidade em 2009

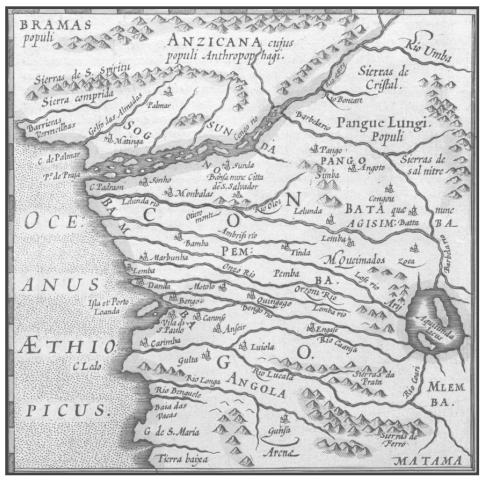
contexto histórico
evolução da cidade

Descoberta em 1482, após chegada de Diogo Cão ao Reino do Kongo pela foz do rio Zaire, o território correspondente à actual República de Angola começou a ser ocupado pela sua capital, Luanda, mais especificamente pela sua ilha, que só seria ocupada em definitivo quase um século depois.

Fundada a 25 de Janeiro de 1576 por Paulo Dias Novais, Luanda, anteriormente São Paulo da Assunção de Loanda ou simplesmente Loanda, ganha o nome através da Ilha de Luanda, que na altura se acreditava chamar-se *Lu-ndandu*, onde os primeiros portugueses, que seriam cerca de 100 famílias e 400 soldados, se assentaram. Estudos etimológicos concluem que o topónimo Luanda, provém do étimo *Lu-ndandu*, onde o prefixo *lu*, se refere a zonas alagadas ou de restinga e *Ndandu* significa valor, objecto de comércio e refere-se aos búzios anteriormente utilizados como moeda do antigo Reino do Kongo, conhecidos como *zimbos*. Outra versão mais tradicional, afirma que o nome de Luanda surge do nome “Axiluandas”, singular de “Musiluandas”, nome dados pelos primeiros portugueses aos nativos da ilha da capital, que significava “homem da ilha/mar”, depois de ouvirem “uanda” , que em “kikongo” significa “trabalhar com rede de pesca”, como resposta quando perguntavam aos nativos o que faziam.

Apesar de inicialmente se terem instalado na pequena ilha, Paulo Dias Novais, rapidamente percebe que não seria o melhor local para se estabelecerem e inicia a ocupação em terra firme, a partir do ponto mais alto pela posição estratégica (onde se situa hoje a Fortaleza de São Miguel) e fontes de água potável e acompanhado de indivíduos de vários ofícios, forma base edificada na chamada “cidade alta”,com instalações públicas, civis, militares e religiosas. Na cidade baixa, actual zona da Marginal e Coqueiros, estavam os militares e os homens que comercializam os escravos que eram levados para a Europa, Brasil e América.





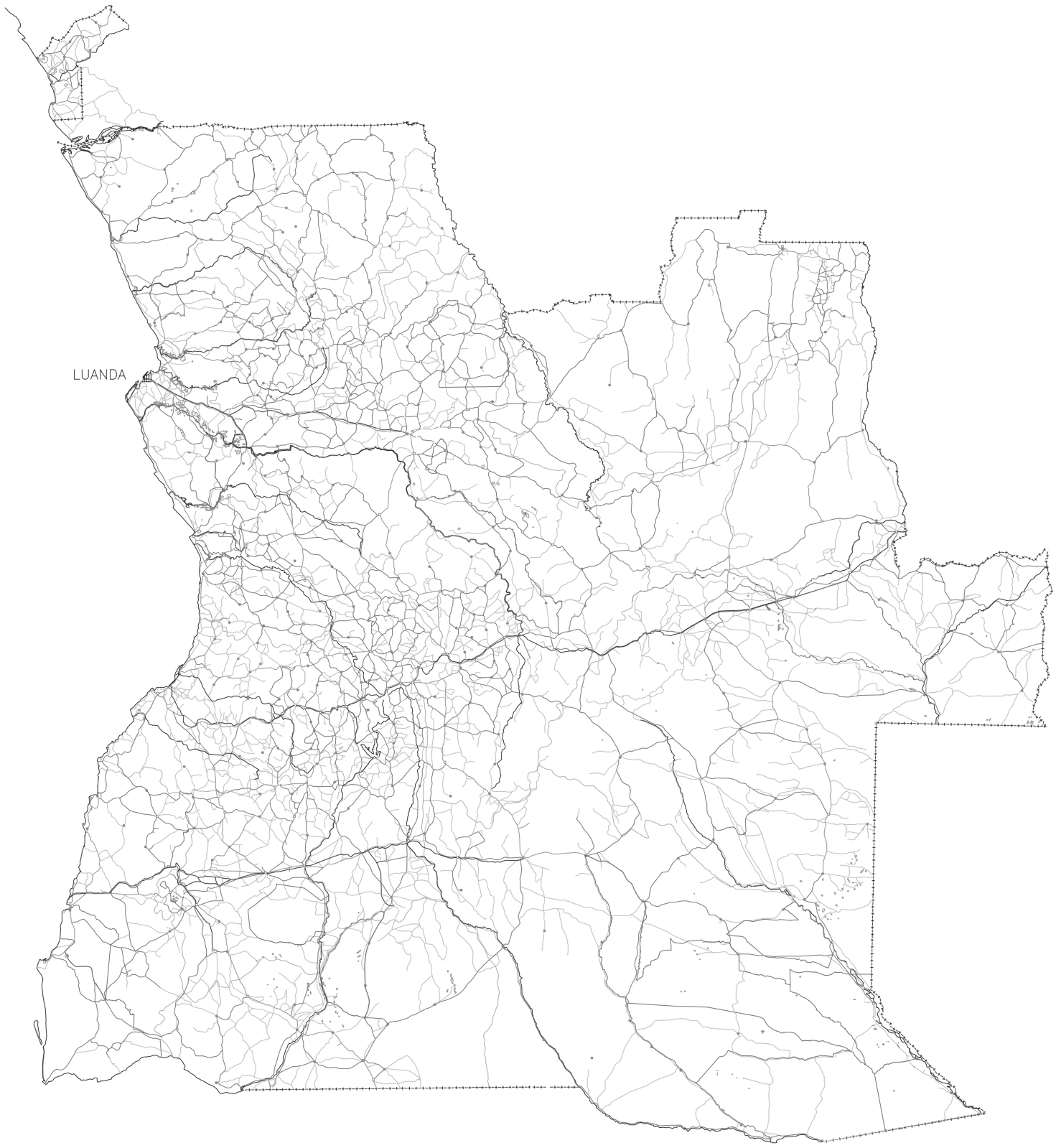


Fig.9. Reinos do continente Africano no séc. XVI
Fig.10. Localização da Ilha de Luanda em Mapa do Reino do Congo de séc. XVI
Fig.11. Localização de Luanda, na actual República de Angola

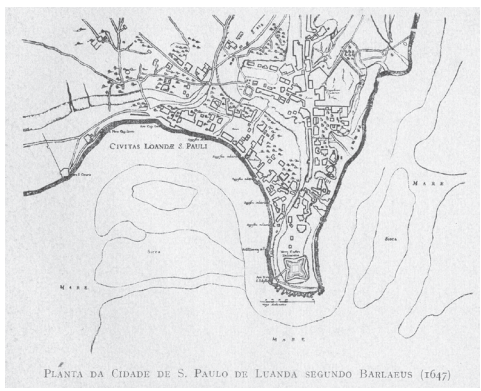
Em 1627 Luanda passou a albergar o centro administrativo da região, que na mesma altura a ser designada por Angola, onde só Luanda e Benguela, em todo o país, tinham a designação de cidade num período anterior ao século XX, sendo Luanda em 1605 e Benguela em 1617[6].

Nesta altura, para garantir a defesa dos povoamentos, foram construídos dois fortes em pontos altos e estratégicos da cidade; a Fortaleza de São Pedro da Barra, situada próximo da actual estrada de Cacuaco e posteriormente a actual Fortaleza de São Miguel. Fortalezas estas que ainda assim, em 1640, enquanto em Portugal acontece a 1 de Dezembro a Restauração da Independência, não foram suficientes para evitar a invasão dos Holandeses e a sua consequente permanência durante cerca de 8 anos, tendo havido a parcial ou completa destruição de vários edifícios construídos na cidade, incluído os fortes. Esta ocupação, teve apoio de forças angolanas, lideradas pela aclamada dona Ana de Sousa N'Zinga M'Bandi[7], conhecida também por Rainha Ginga, que foi a primeira heroína angola e líder contra a ocupação colonial ainda no séc. XVII[8]. Entretanto no fim do ano de 1647, com o apoio do Brasil e Salvador Correia, a cidade volta ao domínio português.

Em 1647, a Fortaleza de São Miguel, que foi sofrendo varias alterações na sua planta, tinha uma configuração completamente distinta da que apresenta hoje, ao contrário da Fortaleza de São Pedro da Barra que se manteve quase inalterada, estando actualmente desactivada tendo em conta o elevado grau de degradação. Aqui, a Fortaleza de São Miguel, era de menor dimensão e era ainda o limite da cidade, enquanto que ao longo de toda a antiga linha de costa se implantavam várias construções ocupadas pelos militares para que, além de defenderem a cidade, controlavam o comércio de escravos e especiarias. Esta organização é bastante perceptível quando se analisa a figura 14, que inclui a representação do relevo da cidade, dando assim uma melhor percepção do posicionamento estratégico das construções e aglomerados do fim do séc. XVII. Aqui já se percebem os aglomerados que mais tarde dão origem a bairros importantes como o dos Coqueiros e a Cidade Alta com o Palácio episcopal.

O urbanismo praticado pelos portugueses nesta altura resultava maioritáriamente das condições culturais e ecológicas do local, sendo pensadas consoante características específicas encontradas em cada colónia, que iam sendo ocupadas de forma empírica e sem planeamento.







[6] CORREIA, Maria Alice; O "patrimônio" do movimento moderno: Luanda 1950-1975, Tese de Doutoramento, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 40.
[7] Dona Ana de Sousa ou Ngola Ana Nzinga Mbande ou Rainha Ginga (c. 1583 — Matamba, 17 de dezembro de 1663) foi uma rainha ("Ngola") dos reinos do Ndongo e de Matamba, no Sudoeste de África, no século XVII. O seu título real na língua quimbundo – "Ngola" -, foi o nome utilizado pelos portugueses para denominar aquela região (Angola).
[8] Contra o tráfico de escravos, Rainha Ginga aliou-se aos Holandeses, o que facilitou a conquista da cidade de Luanda em 1640. Posteriormente, depois da reconquista portuguesa da cidade, Rainha Ginga assina um tratado de paz em 1958, com o governo portugês, após captura da sua irmã.



1. Forte de São Miguel | 2. Sobrado (Baleizão)| 3.Igreja Nossa Senhora dos Remédios | 4. Igreja Nossa Senhora da Nazaré | 5. Palácio do Governo | 6. Igreja dos Jesuítas | 7. Ministério da Justiça (Palácio do Governo) | 8. Ministério do Planeamento (Palácio do Governo) | 9. Paróquia de São Joaquim | 10. Igreja do Carmo

Fig.12. Rainha Ginga, herorina nacional

Fig.13. Representação da Cidade de Luanda em 1647

Fig.14. Representação da Cidade de Luanda em 1655

Fig.15. Principais edificações na cidade de Luanda entre séc. XVI e inicios do séc. XVIII

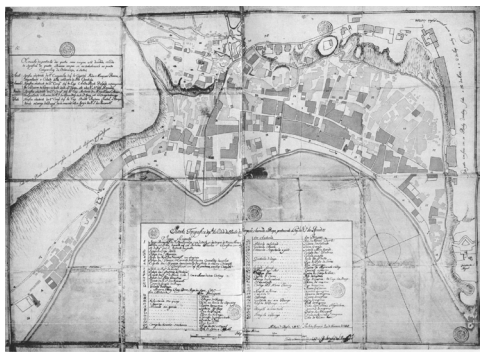
A partir do séc. XVIII a ilha de Luanda passa a segundo plano, propocionando uma primeira linha defensiva da parte da cidade que se pretendia ocupar agora, iniciando-se um período de grande desenvolvimento do que é o actual centro da cidade. Aqui surge o primeiro mapa com a toponímia das ruas, em legenda (figura 16), com destaque para o centro da cidade, a baixa, podendo-se reconhecer ainda a Fortaleza de São Miguel no canto inferior direito do mapa. O mapa, que seria colorido, representaria já o tipo de construções no centro da cidade, onde se destacam as casa de alvenaria, situadas na zona da cidade alta e na parte baixa da cidade, as casas feitas de pedra com cobertura em telha e as as casas de adobe, chamadas de cubatas[9].

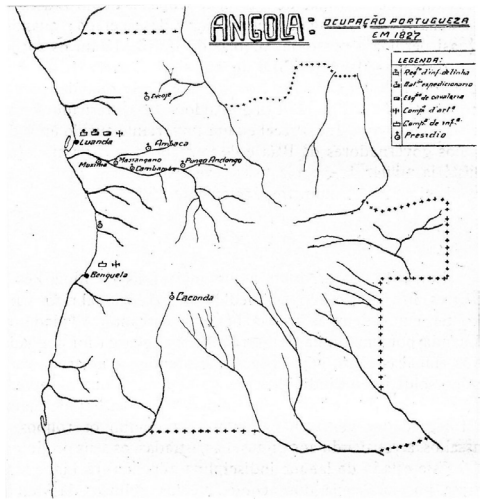
A partir do séc. XIX começa a aparecer a presença do traçado em grelha, diferente do anterior, semelhante ao traçado das cidades modernas pioneiras, seguindo sempre um sentido algo radial, pois a primeira linha de referência era a linha da baia. Aqui, já se identificavam também as tipologias das edificações, incluindo aquelas que eram consideradas as habitações de negros.

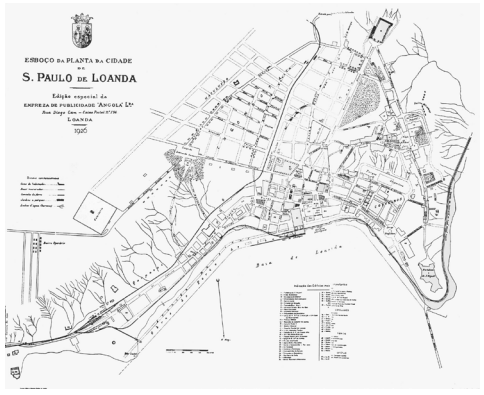
Do inicio do séc. XVIII ao fim do séc. XIX, a cidade teve varias alterações no seu traçado que passou dum traçado espontâneo, por vezes aleatório, passando também por uma influência renascentista, posteriormente um traçado pombalino e por fim um traçado com visíveis influências do movimento moderno, apesar de nunca se ter definido como tal.

Aqui a cidade começa a desenvolver-se acompanhando os contornos dos limites do relevo e começam a identificar-se centros públicos, como o actual Largo do Kinaxixe e outros que delimitavam na altura, bairros como as Ingombotas e Maculusso.
Percebe-se maior detalhe nos mapas nesta época, numa altura em que são também incluídas as zonas verdes e praças, uma manifestação claramente renascentista que ao criar espaços públicos dos edifícios passam a representar o poder onde pudessem estar representadas estátuas e monumentos de heróis ou de marcos importantes da história do país colonizador (Portugal), proporcionando também espaços de convívio da população.

No inicio do séc. XX o cuidado com a organização da cidade passa a ser maior, pois começa a desenvolver-se em ritmo acelerado, sendo marcada também pela segunda Guerra Mundial, que teve bastante impacto na modernização das colónias em geral, e consequentemente no seu desenvolvimento económico, que tinha base, maioritariamente, na produção e exportação de café, sisal, algodão e o petróleo. Este ascendente económico levou inclusive à renovação do porto de Luanda em 1941. Surgem agora também as primeiras representações da ilha de Luanda, que passa a ser o novo local de concentração de pescadores, em plantas e gravuras.







[9] cu·ba·ta (do quimbundo kubata, "casa") É uma habitação rústica tipicamente Africana, geralmente de telhado cónico coberto de folhas ou palha. *in* Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2014, http://www.priberam.pt/dlpo/cubata [consultado em 01-10-2014].

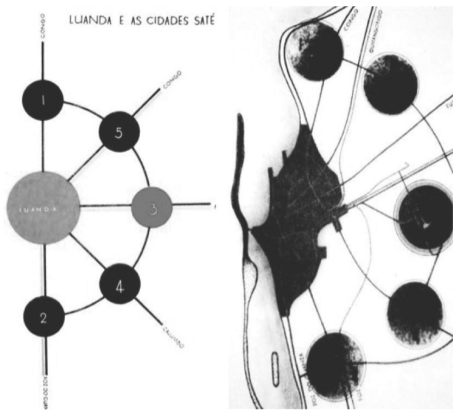


1. Remodelação do Forte de São Miguel | 2. Palácio das Comunicações | 3. Serviço Nacional das Alfândegas | 4. Antigo Edifício dos Bombeiros | 5. Museu Nacional de Antropologia | 6. Papelaria Lello | 7. Edifício Mabílio de Albuquerque| 8. Palácio de Ferro | 9. Sede Jornal de Angola | 10. Antigos Serviços de Estatísticas | 11. Governo Provincial de Luanda | 12. Hospital Josina Machel

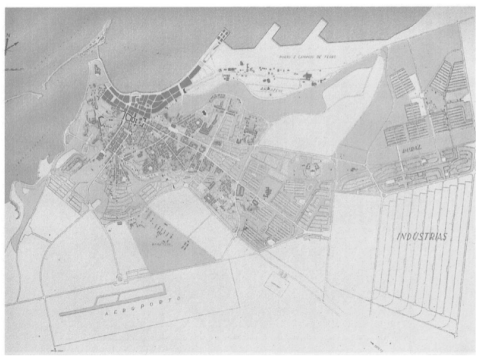
Fig.16. Representação da cidade de Luanda em 1755
Fig.17. Ocupação Portuguesa em angola em 1845
Fig.18. Representação da cidade de Luanda em 1926
Fig.19. Principais edificações na cidade de Luanda entre o séc. XVIII e séc XIX

evolução da cidade

Nesta altura surgem os primeiros planos urbanos para ampliação da cidade, como o plano de urbanização feito, em Lisboa, em 1942, por Étienne de Groer[10] e Gabriel Moreira da Silva. Este, primeiro representante de modernidade, propunha a descentralização da cidade de Luanda com a criação de mais 5 cidades satélites, que em conjunto alcançariam 250 mil habitantes. Estas, seriam dispostas ao longo de um semi-círculo, ligadas à cidade por uma estrada, convertendo Luanda numa cidade com mais que um "centro", o que aumentaria o movimento pendular. Este plano não foi aprovado e não avançou, pois os censos coloniais da altura já apontavam para cerca de 450 mil habitantes em toda a cidade, o que não respeitava os limites de população para o plano proposto.



A necessidade de planear e organizar a cidade de Luanda e outras cidades coloniais, levou em 1944 à criação do Gabinete de Urbanização Colonial[11], onde eram pensados os grandes projectos para a transformação das cidades ultramarinas. Surgem agora, nestes projectos, planos para implementação de redes já modernas de transportes e comunicação, juntamente com a construção de infraestruturas ferroviárias e rodoviárias tal como equipamentos e serviços estatais. Este, passa posteriormente a ser denominado de Gabinete de Urbanização do Ultramar. Os planos no seu todo nunca eram aprovados, por alguma discórdia resultante de estatisticas erradas ou por opiniões distintas dentro do Gabinete, mas sempre que algum equipamento pertencente a algum plano urbando fosse considerado realmente útil e necessário, era implementado.



Em duas décadas Luanda sofreu várias alterações. Além do grande desenvolvimento e época criativa que teve desde a década de 40 no que diz respeito a arquitectura e urbanismo, resultando deste período o maior legado da arquitectura portuguesa em Angola, o início da guerra colonial teve as primeiras consequências e impacto na estrutura social da cidade. No fim da década de 60 quase 300 mil famílias, na maioria portuguesas, abandonaram o país por causa dos primeiros conflitos armados para a independência de Angola, comprometendo os ofícios e funções que desempenhavam no pais, deixando-os sem substitutos qualificados. Contrariando os estrangeiros que abandonavam a cidade e o país, é durante este período onde se inicia a primeira fase de êxodo rural a grande escala, levando habitantes de todas as províncias a estabelecerem residência em Luanda, que de 1960 a 1980 passou de cerca de 5% da população total do país para 12%. Este fenómeno que teve início com a guerra colonial, teve o seu apogeu durante a guerra civil, desencadeada no mesmo ano da proclamação da independência de Angola.



[10] Arquitecto e urbanista posteriormente naturalizado Francês, sendo um dos responsáveis por levar para Portugal novos ideais urbanísticos patricados na Europa, onde um dos mais populares era o conceito da *Cidade-Jardim*, iniciado por Ebenezer Howard.
[11] Foi criado por Marcelo Caetano no âmbito do Ministério das Colónias em 1944 e, sediado em Lisboa, este organismo governamental esteve em actividade até à revolução de 25 de Abril de 1974, que acabou por acelerar os processos de independência, já em curso, dos novos países Africanos que se mantinham sob administração portuguesa.

1. Teatro Avenida | 2. Correios de Angola | 3. 1ª Esquadra da Policia Nacional | 4. Elinga Teatro | 5. Banco BPC | 6. Banco Nacional de Angola | 7. Ministério das Relações Exteriores | 8. Torre Secil | 9. Hotel President | 10. Ministério do Comércio | 11. Clube Desportivo Ferroviário | 12. Estádio Municipal dos Coqueiros | 13. Edifício Coqueiros | 14. Universidade Lusíada | 15. Teatro Chá de Caxinde | 16. Ministério das Finanças | 17. Ministério da Construção |18. Escola São José de Cluny | 19. Museu de História Natural | 20. Mercado do Kinaxixe | 21. Assembleia Nacional | 22. Palácio da Justiça | 23. Escola 3002 | 24. Escola Mutu Ya Kevela | 25. Escola Alda Lara | 26. Prédio do Livro | 27. Igreja Sagrada Família | 28. Hospital Militar Central | 29. Escola N'Zinga M'Bande | 30. Mausuléu

Fig.20. Esquema cidades satélite por Vasco Vieira da Costa (esquerda) com a planta das cidades satélite de De Groer (direita)

Fig.21. Plano Urbano de Luanda de 1949

Fig.22. Plano Diretor de Luanda de 1962

Fig.23. Principais edificações na cidade de Luanda no séc. XX

evolução da cidade

Apesar de estar a procura dum plano que comportasse mais habitantes e expandisse a cidade, até ao fim do séc. XX, Luanda foi incapaz de suster este crescendo populacional tão radical e de cerca de 500 mil habitantes já com a necessidade de expandir, Luanda deparou-se com cerca de 3,5 milhões de habitantes em pouco mais de 10 anos (estimativa do inicio da década de 80).

Acontece nesta altura a massificação dos musseques (bairros informais ou de origem ilegal), edifícios que haviam sido abandonados foram ocupados anarquicamente sem preocupação pela sua função anterior, o espaço público era essencialmente uma espaço de sobrevivência para quem ali encontrava a única forma de subsistência e a ocupação ilegal, desordenada e desorganizada ia sendo feita pelos limites topográficos da cidade.

É também interessante observar que o plano de Étienne de Groer, que tinha como referência outras 5 cidades satélite para o crescimento do centro da cidade, foi de forma indirecta “implantado” pela vastidão de população que ocupou as zonas em redor do centro da cidade de Luanda de forma informal, fazendo corresponder, não taxativamente, os limites das cinco cidades satélite propostas em 1942, aos limites dos grandes aglomerados informais, musseques, actualmente existentes nessa área da cidade de Luanda.

Guerra Colonial e Independência

Em 1961, as resistências contra a dominação e ocupação colonial portuguesa começam visivelmente a articular-se e em Fevereiro do mesmo ano iniciam-se os primeiros confrontos armados que opunham as Forças Armadas Portuguesas e os três principais grupos de libertação:

A FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), liderada por Holden Roberto, o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), liderada por Agostinho Neto e a UNITA (União Nacional para Independência Total de Angola), liderada por Jonas Savimbi.

Posteriormente e após o fim da ditadura em Portugal, com o 25 de Abril de 1974, os novos governantes portugueses facilitaram o processo de descolonização dos territórios ultramarinos, conduzindo à assinatura do Acordo de Alvor[12] que permitiu a independência de Angola a 11 de Novembro de 1975 .

[12] O Acordo do Alvor, assinado entre o governo Português e os três principais movimentos de libertação de Angola, (MPLA, FNLA e UNITA), em Janeiro de 1975, em Alvor, no Algarve, e que estabeleceu as condições para a partilha do poder na, agora, ex-colónia, entre esses movimentos, após a conquista da indepêndecncia de Angola.

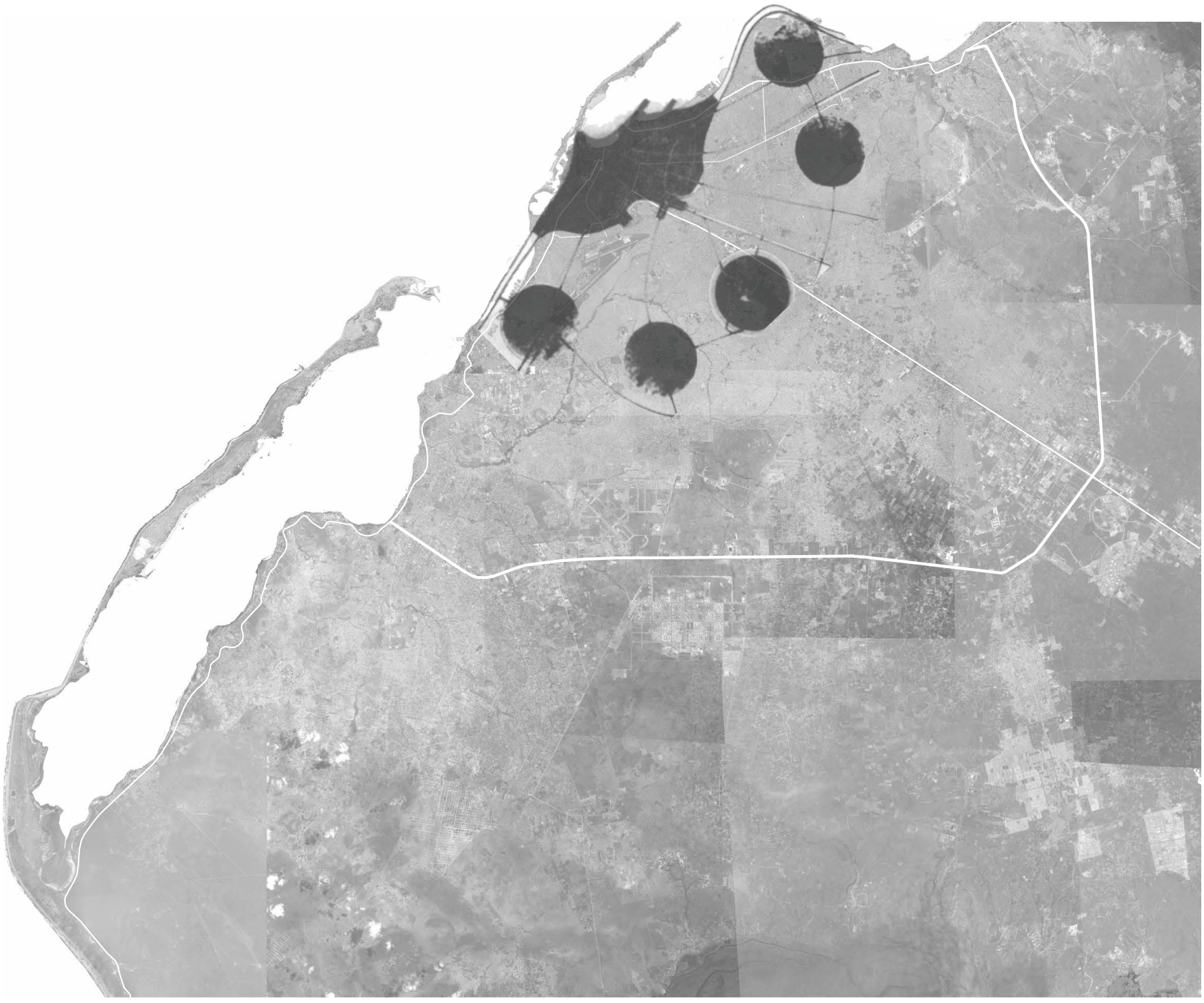


Fig.24. Sobreposição entre a Planta da cidade atual de Luanda e o plano das 5 Cidade Satélite

consequências de uma guerra civil

Logo após a oficialização da independência, outra guerra despoletou em Angola. Uma guerra civil provocada pelos anteriores grupos de libertação, que assim disputavam o controlo absoluto do país, inicia entre o final de 1975 e inicio de 1976, colocando em confronto os dois Movimentos com mais poder no país, o MPLA e a UNITA.

Oficialmente terminada em 2002[13] a guerra, a cidade de Luanda foi "invadida" por uma avalanche de habitantes à procura de refúgio e melhor condições de vida. Esta intensa "invasão", êxodo rural massificado a grande velocidade, desencadeou o aparecimento contínuo de habitações informais, que hoje, predominam na paisagem urbana da cidade de Luanda, os célebres *Musseques*. Assim, a cidade de Luanda albergava agora cerca de 24% de toda a população Angolana (estimativa em 2000)[14]. Foi um período onde pouco se fez no que se diz respeito a arquitectura e urbanismo na cidade e até mesmo no pais, sendo o principal objectivo a adaptação e a complementação do construído existente às novas necessidades funcionais dos mesmos. Consequentemente, o fim da guerra civil não diminuiu o fluxo do êxodo campo-cidade, pois o seu término passou a representar ainda mais acessibilidade entre as duas realidades, tendo em conta que já não existia receio de se realizar deslocações entre as províncias.

O êxodo rural aumentou e consequentemente a ocupação informal e ilegal do território atingiu níveis críticos. Nesta fase, reconstruir Luanda e expandir os seus limites tornou-se a prioridade, passando a existir grandes projectos a despoletar neste momento, tais como a remodelação parcial ou total de alguns bairros, o aumento de condomínios fechados, que ganham destaque como um modelo de caracterização urbanística, o grande projecto de assoreamento da baía e da ilha de Luanda para alargamento de vias e construção de habitações e escritórios e passa também a ser questionada localização do aeroporto e do Porto de Luanda, chegando posteriormente a possibilidade de deslocá-los. Todos estes projectos alimentam desta forma a perspectiva de desenvolvimento, da cidade e do país, que assim renasce com o fim da guerra civil.

Actualmente e já reformulados muitos dos planos e projectos cruciais para a cidade, começam a surgir outros problemas de caracterização urbana de Luanda, como a definição de um centro histórico. Ao contrário da maior parte dos centros históricos de cidades, o centro histórico de Luanda apresenta uma diferença fundamental, levantando outras questões em relação às suas características. Diferença de simples detecção, pois actualmente e desde a década de 60, que o centro histórico de Luanda permanece em construção e crescimento, o que impossibilita a determinação duma linguagem arquitectónica única na definição e solidificação de um centro histórico e da sua identidade cultural.

Esta contínua construção pelo centro histórico, juntamente com a adaptação funcional dos equipamentos e espaços existentes, remete novamente à multiplicidade de identidades que se vão sobrepondo pelo tempo na cidade de Luanda, como se dum palimpsesto se tratasse.

[13] A guerra Civil em Angola é dada como terminada oficialmente, após a morte do líder da oposição, Jonas Savimbi, que até a altura, por discordar dos resultados das eleições anteriores, declarou guerra contra o partido em poder, o MPLA.
[14] in Banco Mundial [em linha], 2014, http://databank.worldbank.org/data/views/reports/tableview.aspx# [consultado em 15-07-2014].

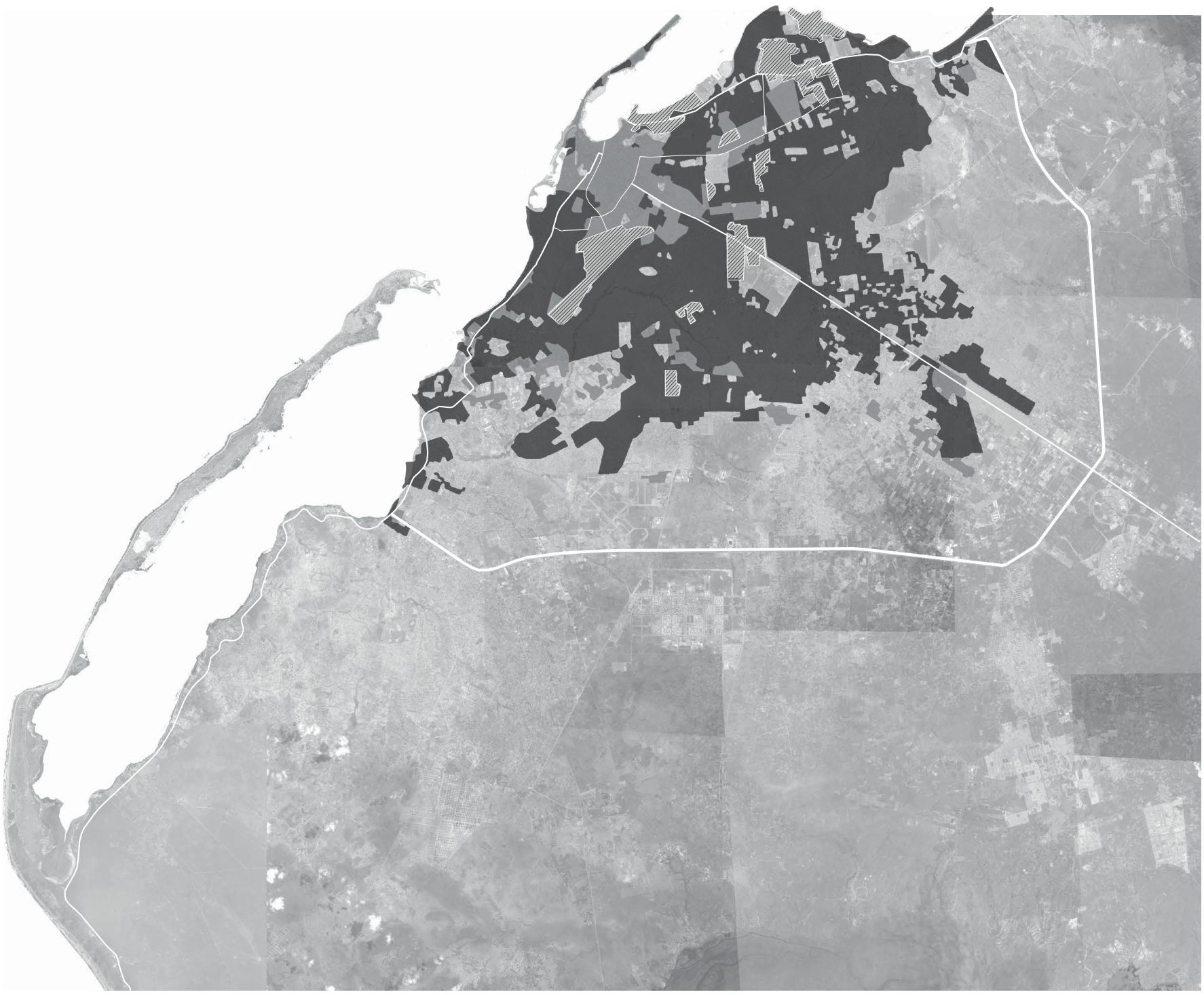
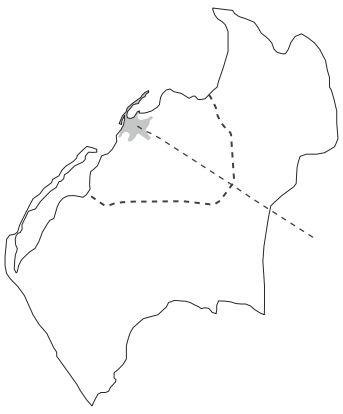
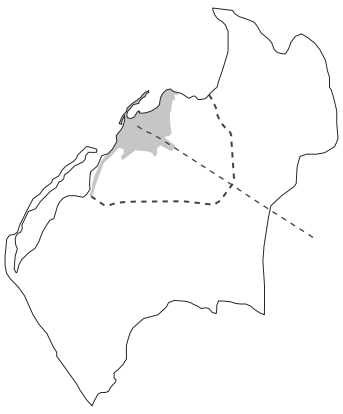


Fig.25. Ocupação formal e informal do território



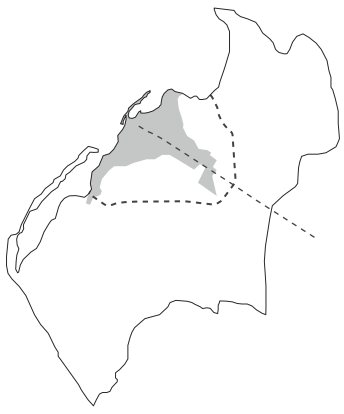
1975

A chegada da independência faz recuar o crescimento e desenvolvimento da cidade até a altura, milhares de famílias portuguesas abandonam o país deixando desocupados vários edificios da cidade e assim, consequentemente, estagnando o crescimento populacional que correspondia a cerca de 475 mil habitantes até ao ano de 1970, altura em que foi realizado o último censo em Luanda.



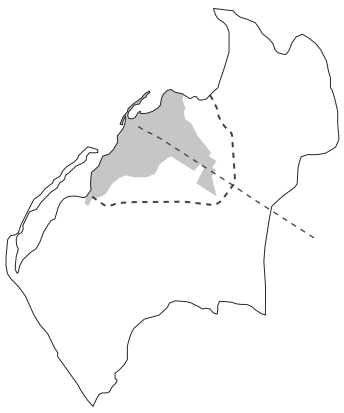
1985

Nos anos 80, com a Guerra civil a decorrer, começam a sentir-se as consequências da mesma na cidade. Assim, já tendo duplicado o número de habitantes dessde 1970, o êxodo rural massivo para a capital, resulta no crescimento desordenado e descontrolado. Nesta altura em Angola, existiriam cerca de 8,5 milhões de habitantes, estando cerca de 12% fixados em Luanda contabilizando um número perto de 1,2 milhões de habitantes.



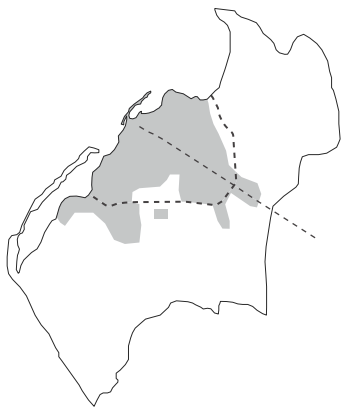
1995

Entre 1985 e 1995 diminui a taxa de crescimento urbano da cidade e também o da população, que, mantendo o aumento, não mantém a mesma velocidade crescimento. Assim, dos cerca de 1,2 milhões de habitantes, em 85, Luanda passa a albergar mais 800 mil, passando a pouco mais de 2 milhões de habitantes em 95. Comportando assim já 4 vezes mais o número de pessoas para que teria sido projectada inicialmente.



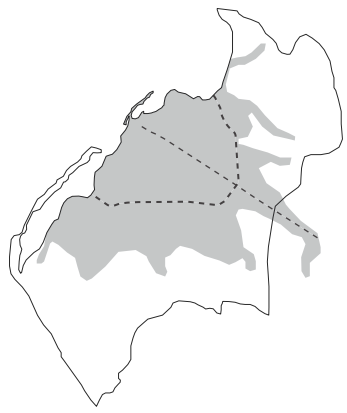
2000

Os limites da cidade começam agora a mudar, mas com a redução dos conflitos armados, até ao seu término em 2002, o exodo rural diminui, consequente do perigo que isso representava. Assim, de 1995 a 2002, juntamente com o número de falecimentos resultantes da guerra ainda a decorrer, a população cresce apenas em 200 mil pessoas, contrariando aqui o que até agora era a elevada taxa de crescimento populacional. Aqui, devido à projecção do crescimento populacional, começam a surgir os primeiros projectos para novas urbanizações, novas centralidades, que pretendiam assim “desaguar” o centro da cidade da densidade populacional.



2007

Após o fim da Guerra civil e como consequência do investimento e crescimento económico do pais e cidade, o êxodo rural voltou a crescer, pois a população procurava na cidade capital, condições e possibilidades de alcançar alguma qualidade de vida. Assim de 2000 a 2007, a população que estava em cerca de 2,3 milhões de habitantes em luanda, cresce 50%, passando a cerca de 3,5 milhões de habitantes. Os limites da cidade alteram-se e agora com a Via Expresso a circulação pela província, apesar de caótica, torna-se mais fácil.



2013

A cidade é outra. Os investimentos em novos pólos urbanizados e serviços ao seu redor permitiu o afastamento do centro. Nem sempre da forma mais organizada, mas a cidade duplicou a sua àrea urbana e consequentemente aumentou o número de habitantes, que cresce 80% em apenas 6 anos (de 2007 a 2013), passando a representar cerca de 33% da população total do país, que se aproximará dos 21 milhões de habitantes, albergando a capital um pouco mais de 6 milhões.

Fig.26. Esquemas da expansão urbana da cidade de Luanda entre 1974 e 2013

elementos geradores de cidade

estrutura urbana de luanda

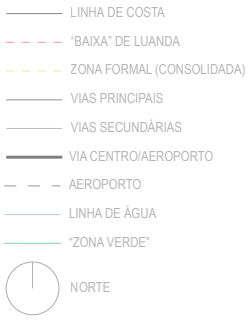
O êxodo rural em grande escala num curto espaço de tempo, resultou na ocupação desorganizada e descontrolada da cidade, surgindo assim os bairros informais e, maioritariamente, ilegais, conhecidos por *musseques*[15].
Apesar desta densidade e saturação do território, os musseques são uma realidade e em conjunto com a população que os ocupa, participa activamente em toda a dinâmica da cidade.

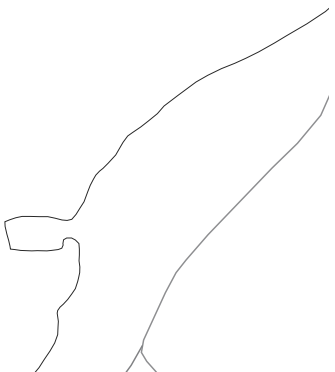
Este fluxo de pessoas que até ao fim do século XX foi maioritariamente em direcção ao centro da cidade, actualmente, como consequência da aposta em criar novos centros urbanos nos arredores da cidade, passou a ser recíproco. E apesar da contínua aposta na construção no centro da cidade, a existência de serviços fora do centro, permitiu o constante movimento entre as várias partes da cidade.

Apesar de existir esta reciprocidade, a deslocação de habitantes de zonas informais para o centro da cidade diminuiu, não só por falta de necessidade, mas pela inexistência de elementos urbanos que levassem a população das periferias a visitar o centro da cidade, como espaços públicos que incentivassem essa deslocação.

A construção de novas estradas e vias estruturantes, permitem a maior mobilidade da população entre os novos centros urbanos e o centro da cidade, podendo este factor enfatizar o caractér histórico do centro da cidade, que desta forma deixa de ser visto como o único pólo financeiro da cidade, pois actualmente este se estende até a parte sul da cidade onde se afirmaram as novas centralidades urbanas.

No centro da cidade a estrutura permanece a mesma, mantendo-se a linha da Baia a referência para o desenvolvimento e crescimento das construções, que vão surgindo ao longo das anteriores vias estruturantes da cidade, dando continuidade à importância que estas já teriam, tal como a Rua Amílcar Cabral e a Avenida Revolução de Outubro, ou a Avenida Deolinda Rodrigues, Estrada de Catete.





[15] mus·se·que (do quimbundo mu seke, "local arenoso") substantivo masculino: Bairro, geralmente de construções precárias, nos arredores de uma cidade, onde habitam os moradores menos favorecidos. *in* Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, http://www.priberam.pt/dlpo/musseque [consultado em 02-09-2014].



Fig.27. Vias Estruturantes da cidade

estrutura urbana de luanda

A consciência da inexistência de espaço público qualificado no centro da cidade acabou por acelerar a execução de projectos de espaço publico, sendo um dos mais importantes, o projecto Baía de Luanda, já em utilização, mas ainda por finalizar actualmente (tem apenas algumas fases terminadas), que, além dos espaços públicos criados, pretende incluir também ao longo da baía, marginal e ilha de Luanda, vários edifícios de escritórios e habitação de luxo em espaços assoreados propositadamente para conter edifícios.

A Baía de Luanda, a marginal e a ilha de Luanda, são inquestionavelmente os espaços mais emblemáticos da cidade de Luanda. Sendo referenciados em livros, histórias e músicas, são parte fundamental da história e cultura de Luanda e consequentemente de Angola, sendo estes os primeiros elementos representativos do carácter histórico que tem a baixa da cidade de Luanda.

Em 2009 o projecto “Baía de Luanda” que propõe a requalificação da zona da marginal e ilha de Luanda, tem início sendo assim o maior e primeiro grande projecto de requalificação de espaço público da cidade.

Requalificar o elemento mais emblemático da cidade pode ser uma tarefa complexa, pois este, pelo simbolismo que carrega, tem consigo uma série de vivências e formas de utilização marcadas pela história que, apesar de passada, tornam a linha costeira mais do que um simples espaço, aumentando a necessidade de manter este carácter público e cultural que tem o espaço.

Este cenário representa a génese do tema apresentado como base do trabalho, que é a multiplicidade de identidades, que agora, com o que se perspectiva, com a inclusão de habitação de luxo ao longo da baía, passa a criar novas formas de vivência a um espaço emblemático da cidade, influenciando assim a dinâmica até hoje vivida na zona baía e linha costeira da cidade.

Este cenário é frequente na cidade de Luanda, onde vários espaços ou edificios são consecutivamente adaptados ou modifcados para albergar ou desempenhar novas funções, ainda que não se afastem completamente do hábito de uso anterior, criando assim uma diferença entre a função para a que é criada e a memória de utilização que muitas vezes permanece. Construindo assim várias camadas funcionais e simbólicas, como um palimpsesto, que nos espaços públicos além de funções e simbologias, acumulam também diferentes toponímias.





Fig.28. Levantamento edifícios e espaços importantes da cidade

espaço rodoviário

No grupo de espaço público, está também agregado o espaço rodoviário, que apesar de não ser destinado à utilização pedonal, é inquestionavelmente de uso público e muitas vezes a interação entre o uso rodoviário e pedonal define o bom funcionamento dum espaço, duma zona, duma cidade.

Os transportes públicos e meios de transporte no geral são elementos fundamentais para o desenvolvimento das cidades, simplesmente pelo facto de permitirem o transporte de pessoas e mercadorias por todo o território, “encurtando” as distâncias. No centro da cidade, os transportes públicos são também responsáveis por criar zonas de confluência para os indivíduos que usufruem dos seus serviços, como nas paragens de autocarros e estações de comboios.

Em Luanda, estes espaços, quando associados aos transportes públicos rodoviários, estão ainda em adaptação, não só às possibilidades estruturais e espaciais da cidade, mas como à demanda, à necessidade por parte da população que, por falta de opção, não adere em maioria ao Autocarro, pelas suas limitações de mobilidade, optando muitas vezes pelo *kandongueiro*[16], ou pelo veículo próprio, acabando assim por prejudicar o funcionamento da cidade, causando o trânsito caótico que se vive na cidade.

A incapacidade da cidade de Luanda de manter a ordem na circulação rodoviária é clara e acrescida, também, pela atitude do condutor para com o peão e regras de transito, que é frequentemente pouco cívica e indisciplinada, não sendo, para este, relevante a morfologia urbana da cidade. Neste sentido, é normal na cidade o benefício do veículo em detrimento do peão, forçando o indivíduo muitas vezes a utilizar estrada para circulação pelo facto dos passeios estarem ilegalmente ocupados com estacionamento automóvel, ou estarem degradados e com deficiências, resultantes do mau uso ou falta de manutenção, culminando com proximidades dos edifícios que são muitas vezes condicionadas por poças criadas pela água libertada pelos ar condicionados.

Ainda assim, são também os transportes públicos a realçar os principais elementos do Centro, da Baixa da Cidade, através da actual rede rodoviária, que faz aumentar o fluxo de passageiros nas zonas com espaços públicos reconhecidos principalmente pela sua história e não pelo seu uso actual. Assim, o Largo do Kinaxixe, Largo da Mutamba, Largo Lumeji, tal como a Marginal, são espaços de referência na cidade de Luanda, assumem o protagonismo entre os outros espaços da cidade.

[16] Transporte público colectivo de passageiros.



Fig.29. Circulação rodóviaria no centro de Luanda e vias principais

espaço edificado

A partir das ligações do mapa da figura 28, iniciou-se uma reflexão sobra a conexão entre os edifícios analisados e os espaços públicos da cidade e é fácil perceber que a maior parte destes principais espaços públicos de Luanda estão de alguma forma inerentes ou próximos a um edifício, que muitas vezes, pela sua função, reforça o carácter público do próprio espaço, fazendo o contraste entre privado e público, permeável e não permeável, ou simplesmente delimitando o espaço. Assim, a aproximação e análise destes espaços e dos possíveis edifícios inerentes faz-se pertinente, de forma a perceber a real importância dos principais espaços públicos no centro da cidade de Luanda e como estes influenciam a sua dinâmica. Nesta fase, encontrar outros “espaços de oportunidade” para um possível local de intervenção para o edificio proposto no final deste traalho, foi também uma preocupação.

O centro da cidade é claro e tem já, pelo simbolismo, o carácter de Centro histórico da cidade. A análise feita nos mapas anteriores (figuras 27 e 28), pelas ligações observadas, não só consegue enfatizar esse carácter de Centro histórico, como é mesmo capaz de acrescentar o de Centro Cultural também.

A ideia de analisar os espaços público desta área e dos edifícios inerentes ao mesmo, leva a tentativa de criar um de possível itinerário deste “centro cultural” entre os vários espaços que tenta, não só, explorar as diferentes circunstâncias dos espaços públicos, mas também, pô-los a “trabalhar” em conjunto.

Aqui, o conceito de Palimpsesto urbano ganha força, no sentido em que tudo é uma reunião e sobreposição de informação, no caso de características urbanas, como acontece em tudo na cidade de Luanda. Esta multiplicidade de funções e miscelanea de elementos é espelhada nas várias camadas de cidade causadas pela história, nas guerras sofridas, na arquitetura praticada, na atribuição de novas funções a construções antigas e na mistura de população e hábitos.







Fig.30. Foto aerea de Luanda em 1970
Fig.31. Foto aerea Luanda em 2014
Fig.32. Sobreposição entre as duas fotos aéreas





Fig.33. Imagem satélite de Luanda em 2013

espaço público

Como definição, Espaço Público, é considerado aquele cujo o uso seja comum e de domínio colectivo e que, pertencendo ao público, a sua utilização privada não é permitida (à exceção de autorização prévia).

Os espaços públicos constituem-se como elementos estruturantes e organizativos da forma urbana, permitem um funcionamento equilibrado do sistema urbano, apresentam um papel integrador ao permitir a ligação e continuidade territorial e funcional de toda a cidade, fundam e consolidam laços sociais ao se constituírem “palcos” de manifestações várias (como as sociais) que contribuem para a qualidade de vida, individualizam–se como marcos de identidade da cidade, denotam simbolismo (político e cultural), ostentam funções variadas e usos específicos e acolhem utilizadores de grupos sociais diferentes (moradores, visitantes, turistas, e outros utilizadores de forma individual e, ou, colectiva) que apresentam expectativas diferenciadas. Indubitavelmente, classificam–se como elementos qualificadores da colectividade tanto em termos materiais (urbanísticos, ocupação física) como também em termos imateriais (históricos, culturais, sociais, de identidade) que condicionam a vivência urbana. Ainda assim a noção de espaço público sofreu alterações que se materializaram na cidade de modos diferentes pelo que existem contrastes entre os espaços públicos tradicionais e os espaços públicos modernos em vários aspectos como seja a superfície ocupada, estrutura, componente volumétrica, morfologia, uso, vegetação, pavimento, mobiliário urbano, entre outros.

Espaços públicos livres estão normalmente relacionados com espaços exteriores, de circulação, contemplação ou de lazer, como as praças, largos, ruas e jardins. Mas existem ainda os espaços que, pertencendo à esfera pública, funcionam em simultaneo com elementos de carácter privado, havendo assim a necessidade de serem mais controlados ou até mesmo evitados, tal como nos Hospitais, Escolas e Centros culturais.

Dentro dessas diferentes materializações daquilo que se entende por espaço público, a Praça assume o protagonismo, sendo a mais óbvia, comum e reconhecida tipologia de espaço púplico urbano, seja pelas suas características, mas como pelo seu passado histórico.

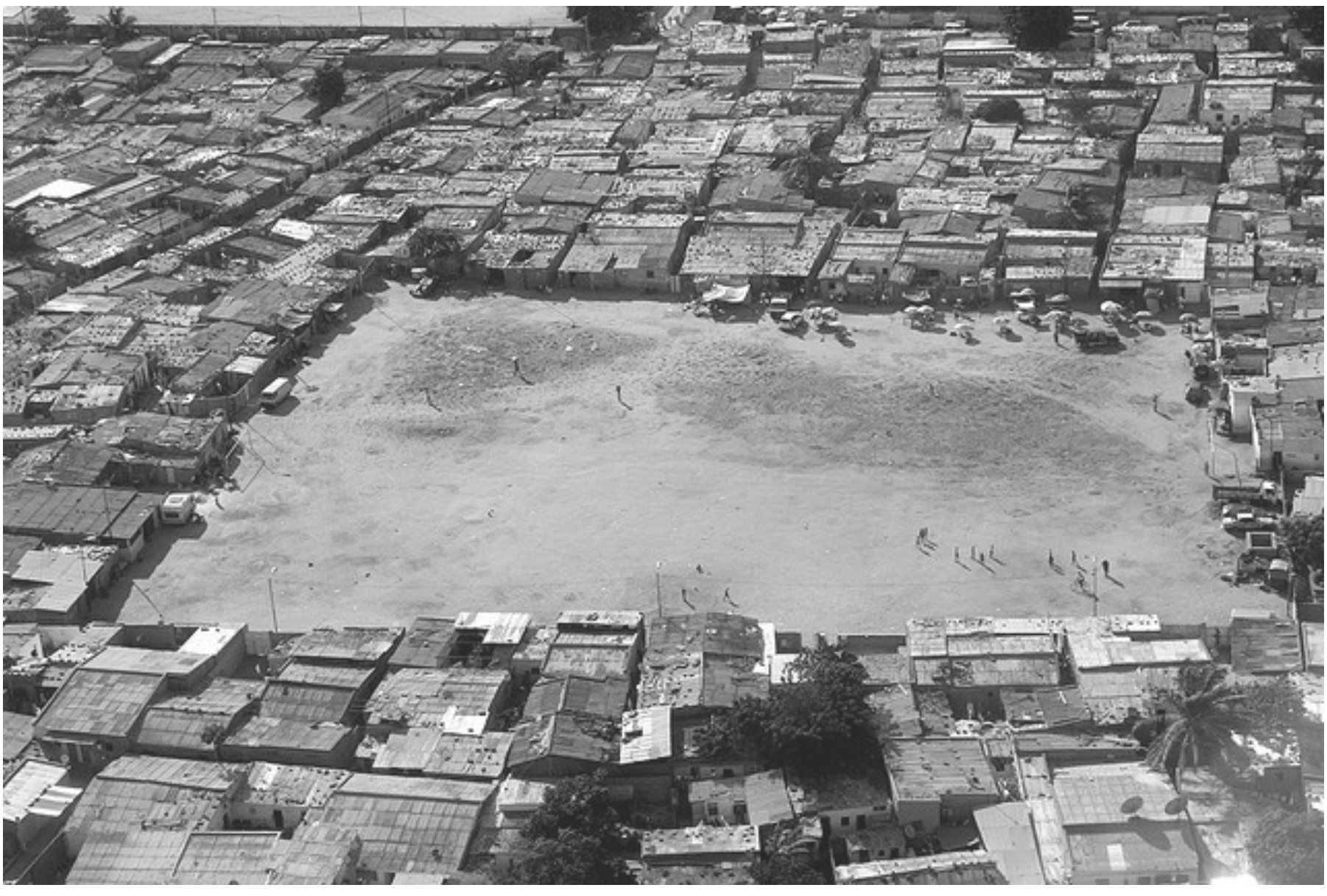


Fig.34. Espaço publico no interior de musseque (campo de futebol)

a praça

Assim, a Praça[17], pode ser considerada como qualquer espaço urbano, público, que seja livre de edificações que, pelo seu carácter público propicie a convivência entre utilizadores. Esta definição pode ainda variar consoante a cultura de cada lugar, estando geralmente associado à ideia de ser um espaço acedido a pé, priorizando o acesso pedestre em detrimento do acesso automóvel, ainda que não seja uma regra.

Os primeiros espaços urbanos projectados para cumprir a função hoje atribuída às Praças, remontam aos Gregos e Romanos, com a Ágora e o Fórum, respectivamente. A Ágora grega era o local de discussão e debate de ideias entre os cidadãos. O Fórum romano diferencia-se da Ágora na medida em que o espaço de discussão não era a praça pública, aberta, mas o espaço fechado dos edifícios, nos quais a utilização era mais restrita.

A praça moderna, referente aos espaços públicos modernos, ocorre em grande parte de pré-existências de espaços públicos, ou simplesmente de espaços que, ainda que não delimitados, ou projetados para o efeito, servissem como ponto confluente, ponto de encontro de cidadãos, para o exercício de vários e diversos tipos de atividades, conservando assim um hábito, uma tradição para a forma de utilizar o espaço. Estas praças elaboradas de raiz ou somente redesenhadas são uma forma de poder reviver esses eventos passados, adaptando o "antigo" espaço para as necessidades do tempo moderno, ainda que respeitando, ou não, as pré-existências.

As praças podem contribuir para a formação de uma sociedade, sendo, nesse papel, responsáveis pela transformação social no que diz respeito ao inter-relacionamento das massas, como na transição entre edifícios e espaços.

Apesar de actualmente existirem Praças em recuperação ou reabilitação no centro da cidade de Luanda, a sua função como tal está pouco presente na dinâmica urbana de quem vive a cidade. Ao contrário dos antepassados europeus, a cultura de utilização da praça em Luanda não é uma característica presente na estrutura urbana e social da cidade. Maioritariamente pela falta de espaços (praças) qualificadas, o seu uso era frequentemente relacionado com venda ambulante ou paragem para *kadongueiros* e não propriamente para convívio social ou encontro com a natureza, mas considerando que a apreensão do sentido de "praça" pode variar consoante a cultura de cada lugar, é fácil assumir que em Luanda o sentido de praça se perde ou se esconde na definição de "Largo", que toma o lugar de responsável pelo "inter-relacionamento das massas".







[17] Começou-se a utilizar-se em França, para significar espaço urbano sob qualquer forma, desde que consistisse num lugar amplo alargado. A origem erudita do termo remonta à Itália renascentista, onde a piazza deve ser conotada com a organização racionalista de ordenação urbana. A palavra, com variantes e sinónimos, é usada internacionalmente. Em Inglaterra, place, square e circus; em Itália, piazza; na Suécia, plats; na Alemanha, plaz; em França, place; em Espanha, plaza; e em Portugal, praça. Também é, quando não inteiramente geometrizada, designada por largo. Em termos urbanológicos pretende-se hoje uma unificação do termo. in Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura. Lisboa: Quimera Editores, 2002. pág. 221.



Fig.35. Àgora de Atenas
Fig.36. Fórum Romano
Fig.37. Terreiro do Paço / Praça do Coméricio
Fig.38. Praça da Independência / Largo 1º de Maio

1
A
2
3
B
C
13
21
19
18
20
H
22
24
23
25
26
J
37
36
35
I
054

Fig. 39 Largos e edifícios notáveis da baixa de Lisanda (Legenda na página 122)

espaço público linear
baía de luanda

A Baía de Luanda, a marginal e a ilha de Luanda, são inquestionavelmente os espaços mais emblemáticos da cidade de Luanda. Sendo referenciados em livros, histórias e músicas, são parte fundamental de toda a história, vivência e cultura de Luanda.

Depois de vários anos e várias propostas, avançou em 2009 o projecto “Baía de Luanda” que propõe a requalificação da zona da marginal e ilha de Luanda, iniciando-se assim o maior projecto de requalificação de espaço público do país. Avançadas as fases de dragagem e requalificação do espaço público, iniciou terceira fase: a construção de vários pólos de escritórios e habitação ao longo da zona. Esta, terá assim grande impacto na forma de utilizar toda área entre a marginal e a ilha de Luanda. Os escritórios das multinacionais e os vários apartamentos de alta renda que serão construídos arrastarão consigo a elite luandense e consequentemente o seu modo de vida, que se diferencia do resto da população e certamente irá quebrar o carácter público de toda a zona pelas restrições inerentes às diferenças económicas. Desta forma, a utilização deste novo espaço público será condicionada pelas diferenças sociais existentes entre os moradores dos arredores da Baía e a população que supostamente usa em maior quantidade os espaços públicos.

Entretanto, enquanto não estão concluídos os edifícios de escritórios e de habitação de alta renda, a Baía de Luanda ganhou porporções maiores, albergando agora espaços e elementos urbanos que permitem a utilização e permanência frequente dos moradores da cidade.

O projecto já foi distinguido em Angola, na África do Sul e em Portugal e em Outubro de 2013 foi distinguido nos Estados Unidos, pela Internacional Waterfront Association, uma instituição sem fins lucrativos que atribui prémios aos melhores projectos de requalificação de frentes marítimas e ribeirinhas do Mundo. A Baía de Luanda ganhou o prémio de melhor projecto de requalificação ambiental e espaço público entre 40 projectos candidatos do mundo inteiro.

É agora palco de vários eventos públicos e privados, levando milhares a visitar esta parte da cidade, muitos deles para usufrir dos elementos urbanisticos introduzidos com a remodelação, como campos de jogos, pistas para *skate*, ciclovia, espaços verdes e mobiliário urbano.











Fig.40. Vista Aérea da Baía
Fig.41. Mobiliário urbano
Fig.42. Pavimento e mobiliário urbano
Fig.43. Ciclovia
Fig.44. Localização da Baía de Luanda

largo infante d. henrique e fortaleza de são miguel

Como primeira fortificação erguida em Luanda, a Fortaleza de São Miguel, foi inicialmente construída em taipa e adobe, no séc. XVI, durante o governo de Paulo Dias de Novais, fundador da cidade de Luanda. Pelo avanço das tecnologias de construção e necessidade de reforçar o Forte, em 1638 foi adicionado também o barro aos anteriores materiais, apresentava neste fase uma forma simples, como a de uma estrela com quatro pontas apenas, num sistema abaluartado, influenciado pelos métodos italianos da altura. Após a invasão holandesa e parcial destruição, foi recuperada em alvenaria, mas com o passar do tempo os muros iriam fortificar-se e foram construídos já em pedra e cal ao longo de vários anos, sendo concluída no inicio do séc. XX, já depois de várias alterações e acréscimos na sua planta, que resultam na forma irregular que tem hoje.
Tendo passado já por duas fases de requalificação uma em 1995 e outra desde 2010, concluiu-se a última fase em 2013, que implicou também a reformulação do Museu das Forças Armadas, que alberga desde 1978, passando a ser denominado de Museu de História Militar em Abril de 2013.

Adjacente à fortaleza encontramos o Largo Infante D. Henrique, ou vulgarmente conhecido como “Baleizão”. Este Largo, construído em homenagem ao Infante D. Henrique, era a principal praça do principal eixo da cidade, a rua Rainha Ginga. Pela proximidade à fortaleza e à Ilha de Luanda, sempre foi um espaço de encontro. Actualmente e substituindo o monumento ao Infante D. Henrique, está presente na praça um Monumento edificado pela Cooperação Cubana, onde se encontram marcas que simbolizam a união do País. Foram também colocadas em toda a praçao um total de 18 pedras, que simbolizam cada província de Angola, tendo estas pedras sido retiradas, cada uma, da sua respectiva província.

Este espaço, propício ao encontro, poderá ser, contrariamente ao que acontece actualmente, o primeiro momento de chegada à fortaleza, tal como ponto de transição entre a Baía, Ilha de Luanda e cidade.
A recuperação do caminho para a fortaleza, pela antiga escada que liga directamente o largo e o Forte, deixando de haver apenas uma entrada, de acesso automóvel, poderia ser uma solução para incentivar ainda mais a sua visita e enfatizar, juntamente com a praça, o seu carácter de monumento da cidade de Luanda.

O edifício a Sul do largo, actualmente utilizado como residência, está em mau estado visível e a reabilitação deste edifício poderia ter como objectivo albergar atividades, relacionadas com a Fortaleza, ou mesmo com o Centro de Investigação, proposto no final do trabalho. Por ter sido recuparado recentemente, fazendo parte do plano de requalificação da Baía de Luanda, este largo detém já qualidades suficientes para o bom funcionamento como espaço público.











Fig.45. Largo D. Henrique
Fig.46. Entrada principal para a Fortaleza pela Calçada
Fig.47. Antiga escadaria que ligava Fortaleza ao Largo
Fig.48. Localização do largo (extracto de mapa de 1862)
Fig.49. Esquema de localização do Largo e Fortaleza

largo rainha ginga e
igreja nossa sr.ª dos remédios

A Rua Rainha Ginga, que foi, durante a guerra civil, um dos palcos dos vários confrontos entre MPLA e UNITA em 1992 quando soldados da UNITA tentavam tomar a actual 1ª Esquadra da Policia Nacional, é, a par da Avenida 4 de Fevereiro (Marginal), um eixo que cruza toda a baixa da cidade, conectando o Largo do Ambiente com o Largo Infante D. Henrique, sendo esta até ao fim do séc. XVII a principal rua de Luanda, sendo também a mais próxima a linha de costa.

Localizado no espaço onde existia anteriormente uma bomba de combustível da Sonangol, que deixou de funcionar após uma pequena explosão, o espaço, designado de Largo Rainha Ginga, com este nome por estar na Rua Rainha Ginga, é dos mais recentes espaços públicos no centro da cidade. Apesar de não existir ainda a frequente utilização do mesmo, a sua proximidade com a Igreja Nossa Senhora dos Remédios[18], poderá representar um espaço de confluência para os utilizadores da igreja, além de que os vários escritórios ao redor, poderão ter este largo como espaço de encontro.

Aqui, está presente um dos poucos espaços públicos elaborados com a preocupação da insulação, existindo mesmo uma estrutura metálica de sombreamento que acompanha parte da forma da praça.

"A primitiva igreja evidenciava um estilo barroco na fachada, constituída por três portas encimadas por pequenos frontões triangulares, terminando num frontão aproximadamente triangular com enrolamentos em cada vértice e um óculo bastante elaborado."

Isabel Martins







[18] Foi construída entre 1651 e 1670, como alternativa às igrejas da cidade alta, sendo assim o principal templo para os comerciantes e outros moradores da Cidade Baixa.



Fig.50. Vista geral do largo Rainha Ginga
Fig.51. Aproximação do mobiliário e pavimento do largo
Fig.52. Fachada da Igreja Nossa Senhora dos Remédios
Fig.53. Esquema de localização do Largo

praça museu da moeda e banco nacional de angola

O Banco Nacional de Angola (BNA), juntamente com a Fortaleza de São Miguel, é um dos edifícios mais emblemáticos e importantes da cidade de Luanda. A sua imponência em toda a Baixa de Luanda mantém-se, mesmo com o constante aparecimento de arranha-céus ao seu redor, tendo este sido concluído em 1956.

"Procuramos idealizar um edifício que arquitetonicamente se integrasse na época setecentista, de que Luanda possui alguns exemplares e dar exemplo das condições excepcionais que oferece a nossa arquitetura tradicionalista na sua adaptação ao clima colonial [...] tão bem representada na parte de Luanda antiga, sem alterar as proporções do módulo da Ordem Jónica"

Vasco Regaleira

Ao lado encontra-se em construção o Museu da Moeda, que por ser um edifício enterrado, vai representar mais um espaço de praça na cidade, tornando-se assim em espaço público. Este espaço, que já teve vários projectos e propostas, funcionava anteriormente como parque de estacionamento do BNA, sendo que as propostas seguintes ainda se baseavam nesta forma de utilizar o espaço, propondo sempre espaço de estacionamento neste local, ocupando-o total ou parcialmente. O projecto do Museu da Moeda, transformará o espaço numa espécie de Praça Cívica, preparada para receber pessoas e eventos de grande escala. O museu que teve a sua construção iniciada em 2013, poderá tornar-se num do maiores de África.

Este, pelas suas características, poderá tornar-se num novo marco da cidade, podendo ter a mesma importância funcional na cidade que o Largo Infante D.Henrique e juntamente com as Torres Kianda (edificio de escritórios e comércio em altura a ser construído na mesma área) e o BNA, vai representar um momento importante na estrutura da Marginal, Baía e cidade e consequentemente na sua paisagem.

Nas ruas que se encaminham para este espaços são vários os edifícios que se encontram em estado degradado, necessitando de reabilitação urgente, podendo estes integrar também um conjunto cultural e histórico da Baixa de Luanda.









Fig.54. Render da futura praça gerada pelo Museu da Moeda
Fig.55. Render com proposta de utilização da futura praça
Fig.56. Fotomontagem dos espaços e edificios na vizinhança da praça
Fig.57. Esquema de localização da Praça e do Banco Nacional

largo do kinaxixe e
antigo mercado do kinaxixe

Actualmente em obras (que duram já a vários anos), o largo do Kinaxixe é talvez um dos mais populares da cidade e dos poucos que são de alguma forma reconhecidos internacionalmente. O mercado do Kinaxixe que outrora ali existia, gerou grande controvérsia quando teve ordem para ser destruído. Talvez a maior estrutura comercial da segunda metade do séc. XX, acaba por ser completamente demolido em 2008, tendo antes sido considerado uma das mais reconhecidas obras do Movimento Moderno em Angola.



O antigo Mercado do Kinaxixe, é, resumidamente, a obra pioneira do movimento Moderno em Angola, sendo que foi projectado por Vasco Vieira da Costa, arquitecto Luso-Angolano, que, após formação, trabalhou com Le Corbusier, que influenciou a sua linha e visão projectual.

O Mercado foi assim um claro exemplo da veia modernista de Vieira da Costa, que exaltava as suas formas geométricas simples dum paralelepípedo perfurado por dois pátios, com 2 pisos que eram acedidos por rampas e escadas que faziam lembrar a *promenade architecturale*[19].



A construção de um novo centro comercial no mesmo sítio onde antes estava o antigo mercado do Kinaxixe, poderá representar uma nova vivência para a zona que esta já a vários anos condicionada pelas obras de recuperação do largo e pelo próprio projecto do Shopping Kinaxixe (edificio em construção). Esta nova estrutura trará um maior fluxo de utilizadores a um dos pontos mais altos da cidade e a recuperação da Largo, permitirá a sua utilização pública como anteriormente acontecia, quando após a independência o largo servia de palco para vários espetáculos músicas e feiras artesanais.



O Largo além do seu simbolismo, pela presença da estátua da rainha ginga no centro do largo e pela antiga presença do mercado do Kinaxixe, é também um espaço importante da estrutura urbana da cidade. Assim a ligação entre o largo e o novo edifício, proporcionará um novo conjunto público da cidade que certamente irá manter ou aumentar a importância que um dia este espaço ja teve.

[19] *Promenade architecturale* é um conceito que aparece pela primeira vez na descrição da Villa Savoye de Le Corbusier, quando se refere à circulação e acessos dos vários pisos e espaços da obra.

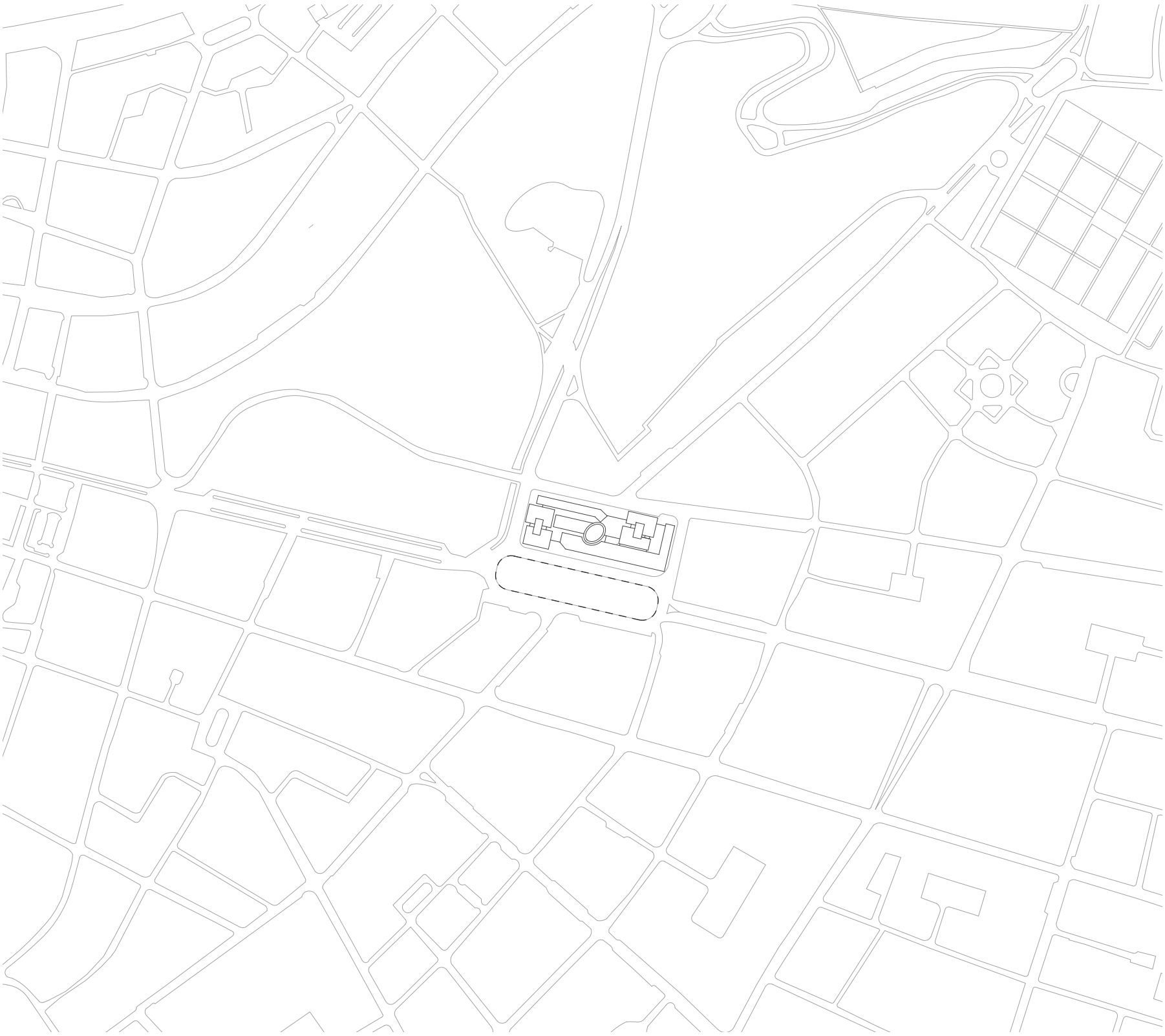


Fig.58. Antigo Mercado do Kinaxixe (antes da demolição)
Fig.59. Antigo Largo do Kinaxixe
Fig.60. Render do futuro Shopping Kinaxixe
Fig.61. Esquema de localização do Largo e futuro Shopping

largo da mutamba

O Largo da Mutamba é até hoje o mais conhecido ponto de referência da cidade de Luanda e sendo considerado, sem controvérsia, o centro da cidade, foi sempre um espaço de encontro para a população também porque funciona como grande centro de transportes públicos.

Este espaço apesar de estar ladeado por dois edifícios governamentais, é actualmente um dos mais agitados e caóticos da Baixa de Luanda, sendo considerado como o mais central da Baixa.

Já em meados do séc. XX, o anterior Largo Almirante Baptista de Andrade, actual Largo da Mutamba, era o ponto de partida e chegada de todos os transportes colectivos de Luanda, sendo o núcleo do sistema de circulação. Entretanto, este espaço urbano, seria anteriormente um espaço ajardinado que na altura, com a importância na malha urbana, seria uma espécie de Central Park, de pequenas dimensões, que posteriormente foi "limpo" deixando só a importância que tinha, deixando de ter qualquer característica de praça.

A multiplicidade de serviços que aqui se encontra reflete a multiplicidade de população que o utiliza o espaço, tornando-o até hoje num espaço bastante dinâmico.

Aqui encontra-se também Ministério das Finanças além do edificio do Governo Provincial de Luanda (equivalente à Câmara Municipal), que, concluído em 1910 e classificado como Monumento Nacional em 1981, atribui ainda mais relevância ao Largo.

"O edifício apresenta fachada de expressão classicizante, com frontão central e vãos de arco circular. Segue a tradição dos edifícios públicos com estrutura de pré-fabricado de ferro. Ergue-se sobre a Praça da Mutamba, numa relação com o terreno que lhe confere imponência e monumentalidade. A planta desenvolve-se à volta de um pátio interior com iluminação zenital, de onde nasce uma majestosa e escultórica escadaria interior, toda em ferro fundido, elemento decorativo mas também distributivo, coberto por uma estrutura de pilares e arcos metálicos ogivais que lhe dão singularidade, elegância e leveza."

Isabel Martins











Fig.62. Vista geral do Largo com o GPL e o ministério das finanças
Fig.63. Largo da Mutamba
Fig.64. Paragem de autocarros junto ao Ministério
Fig.65. Posto da TCUL junto ao GPL
Fig.66. Esquema de localização do Largo, GPL e Ministério das Finanças

largo lumeji

O Largo Lumeji, que ganha o nome através da localidade no Moxico, onde foi assinado o Acordo do Alvor por Agostinho Neto, que originou posteriormente a Independência de Angola, é actualmente apenas um elemento do sistema de circulção automóvel, uma rotunda. Com vários serviços a funcionar ao seu redor este largo acaba por fazer a conexão de várias vias fundamentais da cidade.

Este largo, foi sempre na sua história um local de passagem e cruzamento, sendo desde sempre um elemento importante para a circulação urbana da zona envolvente. É também zona de grande fluxo de pessoas, sendo uma das principais paragens de Kandongueiros do centro da cidade.

A proximidade com vários e diferenciados edifícios, mantém o espaço dinâmico e vivenciado. A universidade Lusíada, o Teatro Chá de Cachinde, a Direção de Viação e Transito, o antigo edificio das Obras Públicas, agora Protocolo d a Assembleia Nacional, e até mesmo a bomba de combustível que para ali leva centenas de automóveis diariamente. Sendo também um dos pontos de ligação diretos com a cidade alta, onde se encontra o Palácio Presidencial. É assim fácil perceber neste largo, tal como no Largo da Mutamba, que se está no centro da cidade. Aqui também, através da Avenida do 1º Congresso do MPLA, se percebe que há uma saída da cidade, pelo Hospital Maria Pia e estrada da Samba, que ligam o centro com a nova parte sul da cidade de Luanda.

Sendo importante na circulação urbana do centro, pode representar também mais para o espaço público pedonal, que no momento, é complicado devido ao fluxo automóvel. Assim, incluir e atribuir função ao espaço triangular a norte do largo, podeira ser uma forma de adicionar este largo estruturante, aos espaços públicos da cidade.











Fig.67. Visa aérea geral do Largo Lumeji
Fig.68. Percepção do declive no largo
Fig.69. Largo a partir do teatro Chá de Caxinde
Fig.70. Utilização inadequada do Largo pelo peão
Fig.71. Esquema de localização do Largo e edifícios importantes ao redor

conclusão

A cidade de Luanda é sem dúvida um objecto de estudo complexo e os temas à sua volta estão todos, de certa forma, interligados. Esta complexidade prolonga-se a esta conclusão que tem a difícil tarefa de tirar uma ilação sobre o tema do Espaço Público em Luanda.

Os problemas sociais e culturais da cidade são, maioritariamente, consequência da guerra civil que se instalou no país por cerca de 27 anos, logo após a independência em 1975.

Durante o período colonial foram construídos os elementos estruturantes da cidade, tanto através do urbanismo, como da arquitetcura. O crescimento descontrolado da população da capital, que iniciou ainda antes da independência, tornava, consecutivamente, obsoletos todos os planos elaborados para a cidade e para o seu desenvolvimento. A guerra colonial veio abrandar o enorme crescimento urbano e arquitectónico que vivia a cidade, que se tornou ainda mais lento, acabando por estagnar a longa duração da guerra civil.

Finalizada a guerra civil em 2002 e com números críticos em relação a população e a forma como ocuparam a cidade (através de construções e adaptações informais e muitas vezes ilegais), eram visíveis os problemas na estrutura da cidade e na sua dinâmica. Assim, o espaço público da cidade, que servia apenas como espaço de transição ou cruzamento até ao fim da guerra civil, perde ainda mais o seu protagonismo na estrutura da cidade, ficando estagnado por alguns anos, tornando-se elementos secundários em relação às novas necessidades da cidade.

Actualmente, a preocupação de recuperar estes elementos de cidade, que, sem serem prioridade, estavam degradados e desqualificados, tem sido visível, com algumas tentativas de requalificação dos áreas que outrora já foram componentes importantes na estrutura de Luanda.

Colocando em papel o desenvolvimento e evolução urbana da cidade de Luanda e a descriminação dos espaços públicos, que considerei serem fundamentais para a construção duma leitura mais fácil da cidade, termino com a certeza de que hoje a cidade vive, certamente, com uma maior preocupação em relação à forma de a habitar. Nem sempre com as metodologias mais certas, a cidade continua o seu desenvolvimento pouco planeado, enfatizando assim os conceitos que evoquei no inicio do trabalho, o de Enciclopédia, ou Palimpsesto. Este conceito de acumulação de realidades é o que define a identidade da cidade de Luanda, mas ainda assim é necessário ter a consciência do conjunto de realidades que geram esta identidade.

A forma de intervir no centro da cidade de Luanda é o maior dilema de arquitectos, urbanistas e outros profissionais da área e certamente várias metodologias seriam possíveis para enfatizar a identidade e cultura do país dentro do centro da cidade. Assim, concluo que atribuir significado e função aos espaços públicos (que desde sempre foram presentes nas linhas da cidade), recuperando a sua história e vivência ou estabelecer uma nova, uma das possibilidade de intervenção na complexidade urbana de Luanda.

Desta forma, a proposta que finaliza esta dissertação, baseada no propósito enunciado por Duarte Belo, na criação da plataforma Horizonte Portugal, tem como programa a intenção de incentivar o estudo sobre o desenvolvimento do território e arquitectura de Luanda e consequentemente do País, materializando uma das possíveis formas de adaptar um espaço público obsoleto (próximo ao Largo Lumeji), num elemento estruturante e fundamental para a dinâmica vivida neste centro de cidade e, procurando regenerar e interligar parte da cidade de Luanda (o centro histórico), essa proposta final, centra-se no funcionamento entre o espaço público e o equipamento.



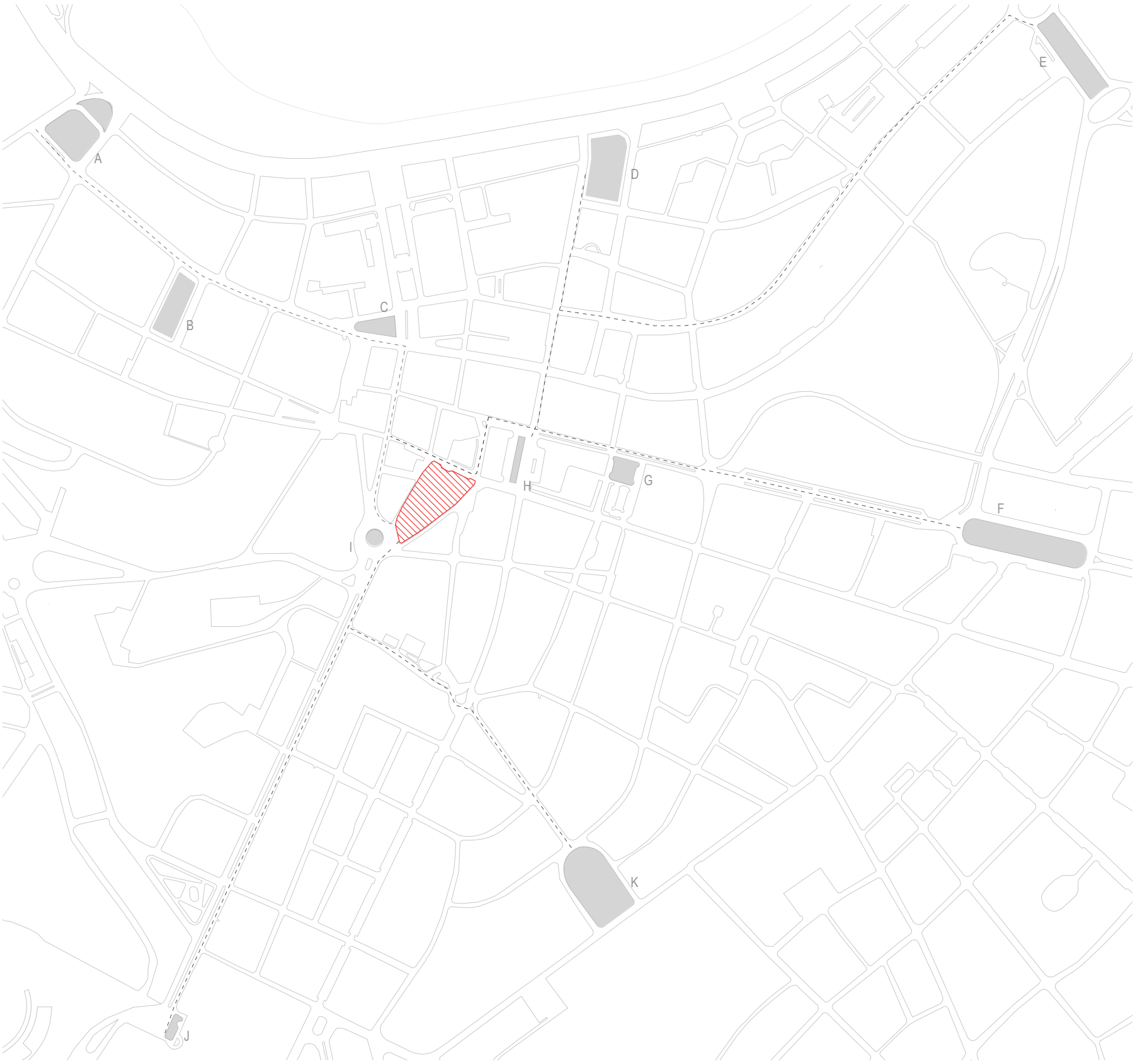
Fig.72. Localização do espaço escolhido para implantação do Centro de Investigação

proposta
introdução

Após análise e reflexão teórica sobre a cidade de Luanda, começa a tornar-se mais clara a necessidade da existência de interação entre os espaços públicos e os edifícios inerentes a estes e vice-versa. Há já visivelmente uma forte relação entre os espaços públicos e um ou mais edifícios presentes nos arredores ainda que seja pela história que os uniu ou serviu de base para o seu surgimento. Assim, esta proposta passa por, recuperando e requalificando vários espaços públicos da Baixa da cidade, conectá-los a um ou mais edifícios vizinhos de forma a que a sua vivência/experiência, seja não só de dependência, mas principalmente de complementaridade, criando uma rede cultural e histórica que vai também enfatizar o carácter de Centro Histórico que tem já a área escolhida.

É definido um itinerário fictício que liga e pretende motivar o percurso entre espaços que são já de grande importância no Centro da Cidade, quer seja pela sua história, quer seja pela dinâmica ou caos que apresentam agora, ou simplesmente pela proximidade a outro espaço ou edifício importante na estrutura da cidade. Os espaços públicos analisados anteriormente poderiam assim ser pensados como um todo, um conjunto de espaços e edifícios que por si só contêm características históricas e de vivência (identidade), que ligados formam um grande conjunto cultural, uma zona que reflecte a identidade do que é a cidade de Luanda e consequentemente do país, um espaço que se caracteriza pela sua multiplicidade de espaços, edifícios, momentos, utilizadores, uma zona "enciclopédica", reconhecendo aqui que o espaço público pode ser o elemento estruturante da cidade, manipulando assim as dinâmicas vividas na mesma, melhorando e reflectindo sobre a relação entre os utilizadores da cidade, criando um Centro Histórico organizado.

Esta rede de espaços, edifícios, vias, acabaria por definir quase que um núcleo de onde e para onde vão todos os caminhos. Este, será assim um "espaço-mãe", o coração deste conjunto cultural na cidade, o local de implantação do equipamento proposto.



A. Largo Infante D. Henrique (Baleizão) | B. Largo do Atlético | C. Largo Rainha Ginga | D. Praça Museu da Moeda | E. Largo do Ambiente | F. Largo do Kinaxixe | G. Largo Irene Cohen | H. Largo da Mutamba | I. Largo Lumeji | J. Largo Josina Machel | K. Largo Lenine

Fig.73. Esquema Resumo Espaços Públicos

implantação
motivação

Iniciando a abordagem à planta de Luanda, utilizei o Catálogo sobre a Arquitectura do Movimento Moderno em Angola, para reforçar a identificação de edifícios e espaços simbólicos que representem ou tivessem representado a cultura e a história de Luanda para que depois de identificados os elementos, fosse possível conectá-los, de forma a perceber a relação e ligações que existem na cidade, ainda antes da independência do País.

Respeitando os limites assumidos anteriormente em planta, do centro da cidade, o reconhecimento de estruturas que de alguma forma participam na dinâmica da cidade, levou à marcação dos primeiros itinerários de ligação entre espaços e edifícios, chegando rapida e intuitivamente à escolha do local de intervenção.

Aqui, após analise dos vários espaços da Baixa de Luanda, destacou-se a área junto ao Largo Lumeji, que é já uma representação, algo eficaz, da mescla de conceitos e dinâmicas referidas anteriormente, unificando serviços, arquitectura e dinâmica de população, pois estando muito próximo da Mutamba (um dos principais centros de transportes públicos), reúne ao seu redor uma Universidade (Lusíada), um teatro (Chá de Caxinde), edifício governamental (antiga sede do governo e edifício da DGV), comércio (seja em loja, seja ambulante), área de escritório (sede da Sonangol, entre outros). É por si só, uma zona “enciclopédica”. Desta forma, pensei no espaço assinalado como possibilidade de implantação do edifício principal do centro de investigação, ainda que numa escala maior e mais geral, este espaço seja complementado com outros espaços e edifícios.









Fig.74. Teatro Chá de Cachinde
Fig.75. Transportes públicos mutamba
Fig.76. Largo Lumeji
Fig.77. Vista geral do Largo da Mutamba

implantação
consequências

A solução arquitectónica proposta para este espaço, tenciona reunir em si os conceitos anteriormente referidos, enfatizando o papel do espaço público e a sua participação na dinâmica da cidade.
Tendo a estratégia iniciado com a ligação entre as principais vias da cidade e os seus principais espaços públicos, o projecto proposto pretende dar continuidade a essa rede.

Esta necessidade, por mim criada, de que o projecto fosse parte integrante desta rede, levou-me a considerar o local de implantação como um ponto de passagem, de ligação entre dois espaços ou momentos anteriormente analisados, colocando assim o edifício proposto entre espaços, um a Sudoeste (o Largo Lumeji) e outros a Nordeste (o Largo da Mutamba).

Ambos espaços com características próprias e distintas mas com funções similares na cidade. No Largo Lumeji, há uma maior proximidade com a escala humana e com edifícios de carácter público, ao passo que no Largo da Mutamba o espaço está configurado para receber o autocarros que lá recebem e deixam pessoas, sendo esta considerada uma Gare no centro da cidade. Apesar de também funcionar como ponto de paragem de transportes públicos, nomeadamente de Kandongueiros , o Largo Lumeji não apresenta as mesmas características, nem a configuração necessária para realizar esta função.

Assim, o equipamento proposto propõe redesenhar a circulação desta zona, criando a possibilidade de funcionar quase com um espaço, aberto, intermodal, onde fácil e rapidamente se alcançam dois transportes, o autocarro e o kandongueiro, tornando desta forma mais fácil o acesso pedonal entre os dois espaços/Largos da cidade.

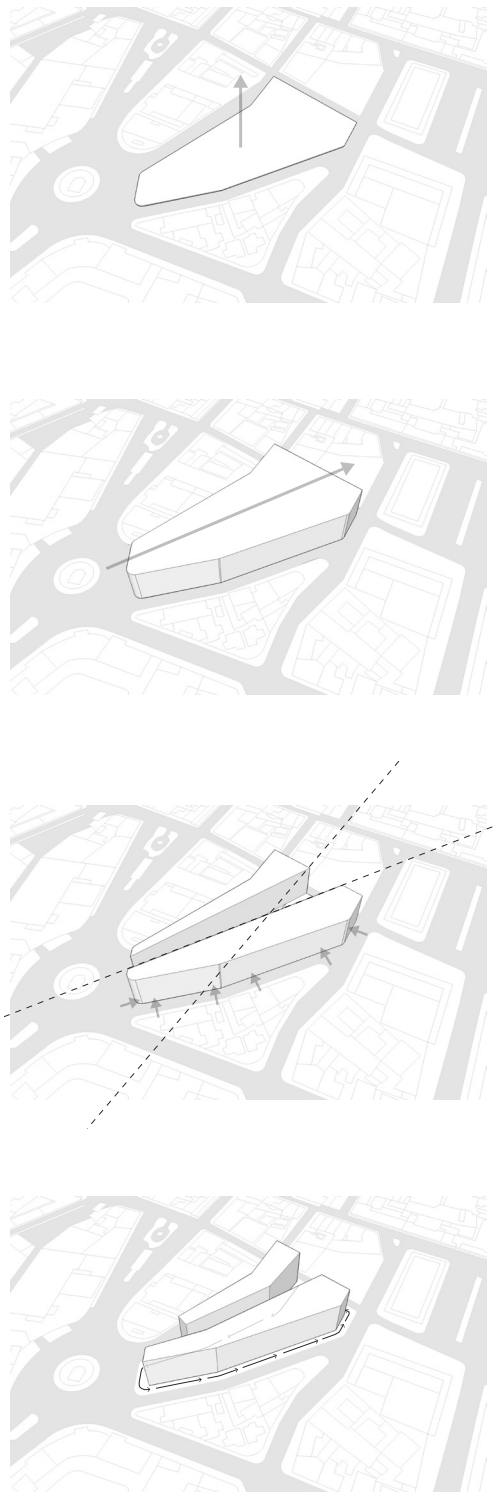




Fig.78. Esquemas escolha de forma do edificio
Fig.79. Implantação do edificio na área escolhida

o edifício
programa

Fazendo parte de uma rede, o equipamento proposto pretende evidenciar o local de implantação com um novo espaço público da cidade, passando a partilhar protagonismo com os dois mencionados anteriormente (o Largo Lumeji e o Largo da Maianga), apesar de estar num espaço de passagem, de ligação. Assim, esta solução arquitectónica concretiza-se em dois elementos que se colocam nos extremos do espaço proposto estando posicionados de forma a que se crie uma passagem entre os dois, proporcionando ao utilizador um percurso que conecta os outros dois largos. Estas duas peças que apresentam à partida duas funções diferentes, vão complementar-se no seu programa criando assim um Centro de Estudos arquitectónicos, o Centro de Iventigação do Território e Paisagem, pretendido como resultado final da plataforma Horizonte Portugal e, agora, Horizonte Angola.

Este programa incluirá uma grande sala de exposição Horizonte Angola, uma biblioteca, salas de estudo, investigação e de trabalho, laboratório de fotografia, centro de documentação e arquivo, salas para workshops e um auditório.

No piso 0 do edifício abre-se uma praça coberta (corbertura feita pelo próprio edifício), que surge depois da estreita passagem proveniente do Largo Lumeji. Esta praça, além de ponto de encontro vai se abrir também para um novo espaço de confluência dos autocarros, pensado anteriormente, tornando-se num importante ponto de passagem e fluxo de pessoas. É neste piso 0 (à cota +0.00), no volume A (Noroeste), que ganha lugar a biblioteca do Centro e outros espaços de estudo. Desenvolvem-se de forma mais restrita outras salas de trabalho neste piso.

No volume B (edificio mais a sul), um pequeno restaurante se abre para a mencionada praça, à cota +0.00. Neste piso e como programa complementar, surge a o conceito de mercado, para manter o caracter comercial, anteriormente informal, que se vivia em torno de todo o espaço de implantação. Pequenos espaços de venda são propostos, para venda ou aluguer, de quem ali quiser manter o seu pequeno negócio artesanal. No exterior, 18 pilares que suportam o piso superior (representando assim as 18 províncias de Angola), prolongam-se até a cobertura, podendo assim estabelecer o percurso da exposição no piso 1.

O piso 1, que está a cota +5.00, é marcado pela grande sala de exposição, que terá 2 áreas, em que a primeira poderá servir de espaço para exposições temporárias, tornando a vida museológico mais abrangente, podendo albergar outras exposições, que não a Horizonte Angola, ou até mesmo outras pequenas actividades. A segunda área, definida pelos 18 pilares estruturais, contém a exposição permanente do Horizonte Angola. Este piso contém também um auditório que poderá aumentar a variedade de eventos que poderão ocurrer no Centro.

O volume A disponibiliza pequenas salas e áreas de investigação do Centro para o público, no piso 1 que a par do piso 0, é completamente de livre acesso.
A Biblioteca no piso 0 é complementada por vairas zonas de leitura e uma de estar para que seja abrangente o tipo de estudo ou consulta que os vistantes possam fazer. Além das pequenas salas de Conservação e recuperação de documentos, também como um laboratório de fotografia. Com o espaço de acesso vertical no centro da planta, é no piso 2 , deste mesmo volume, que se ganham novos espaços, que serão para consulta de documentação sobre o Horizonte Portugal e consequentemente do Horizonte Angola, Arquivo e area de trabalho especifico com salas de maquetes e outros estudos e trabalhos praticos.

É pretendido aqui um edifício que se afirme como elemento principal deste troço de cidade, sem que seja necessário recorrer ao elevado número de pisos, contrariando também a arquitectura praticada actualmente no centro da cidade. É fundamental também tentar implementar um novo tipo de uso público dos espaços, que em Luanda é sempre condicionado e muitas vezes pago. O centro pretende oferecer ao habitante de Luanda um espaço cultural, abrangente e polivalente, que permite em simultâneo perceber o que é o património do país, vivendo a cidade de maneira diferente.



Fig.80. Planta de Cobertura 1/500





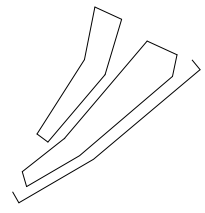
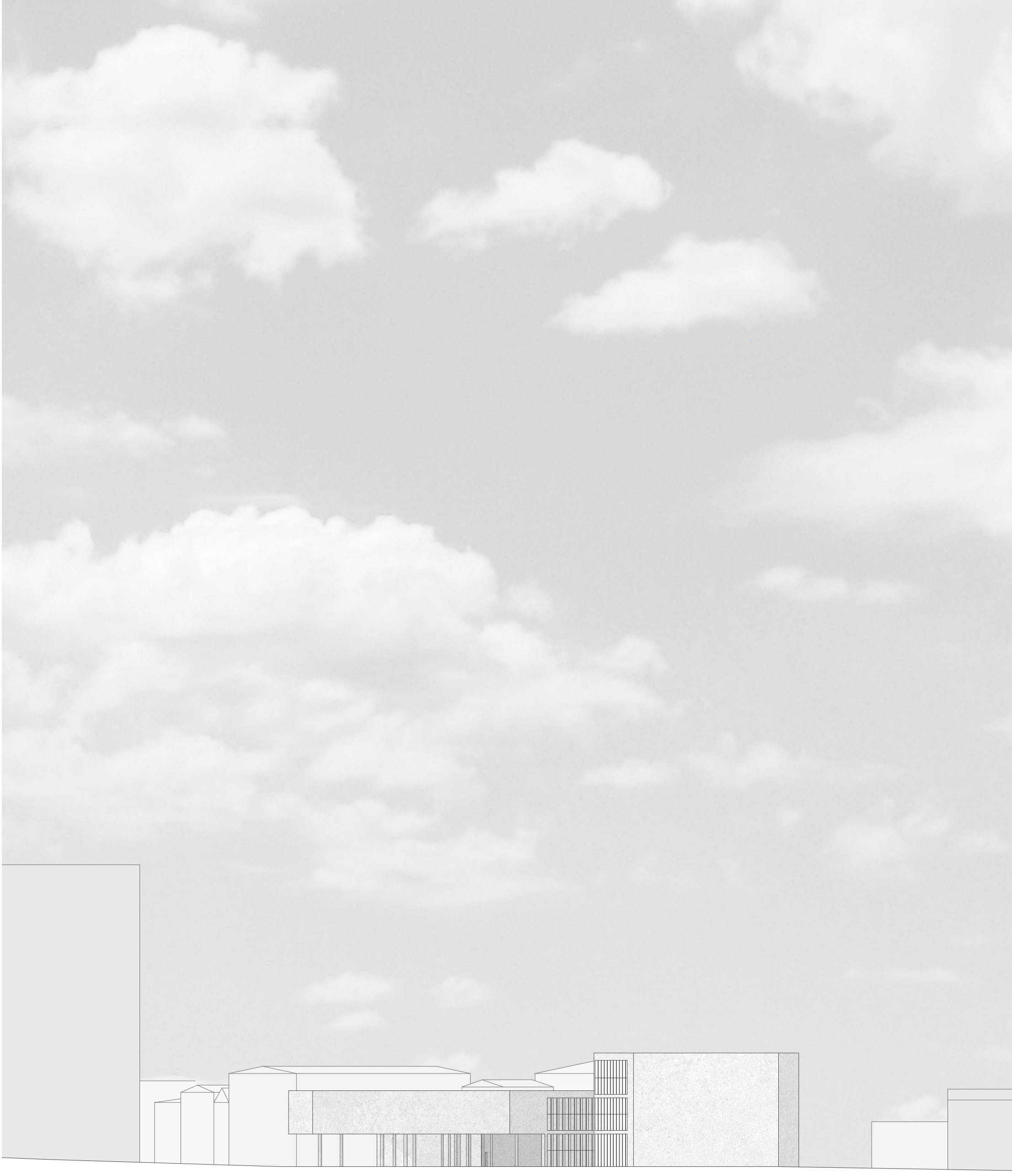


Fig.81. Alçados Sudeste 1/500





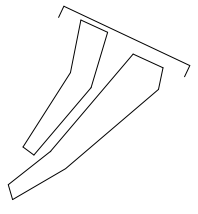


Fig.82. Alçados Nordeste 1/500



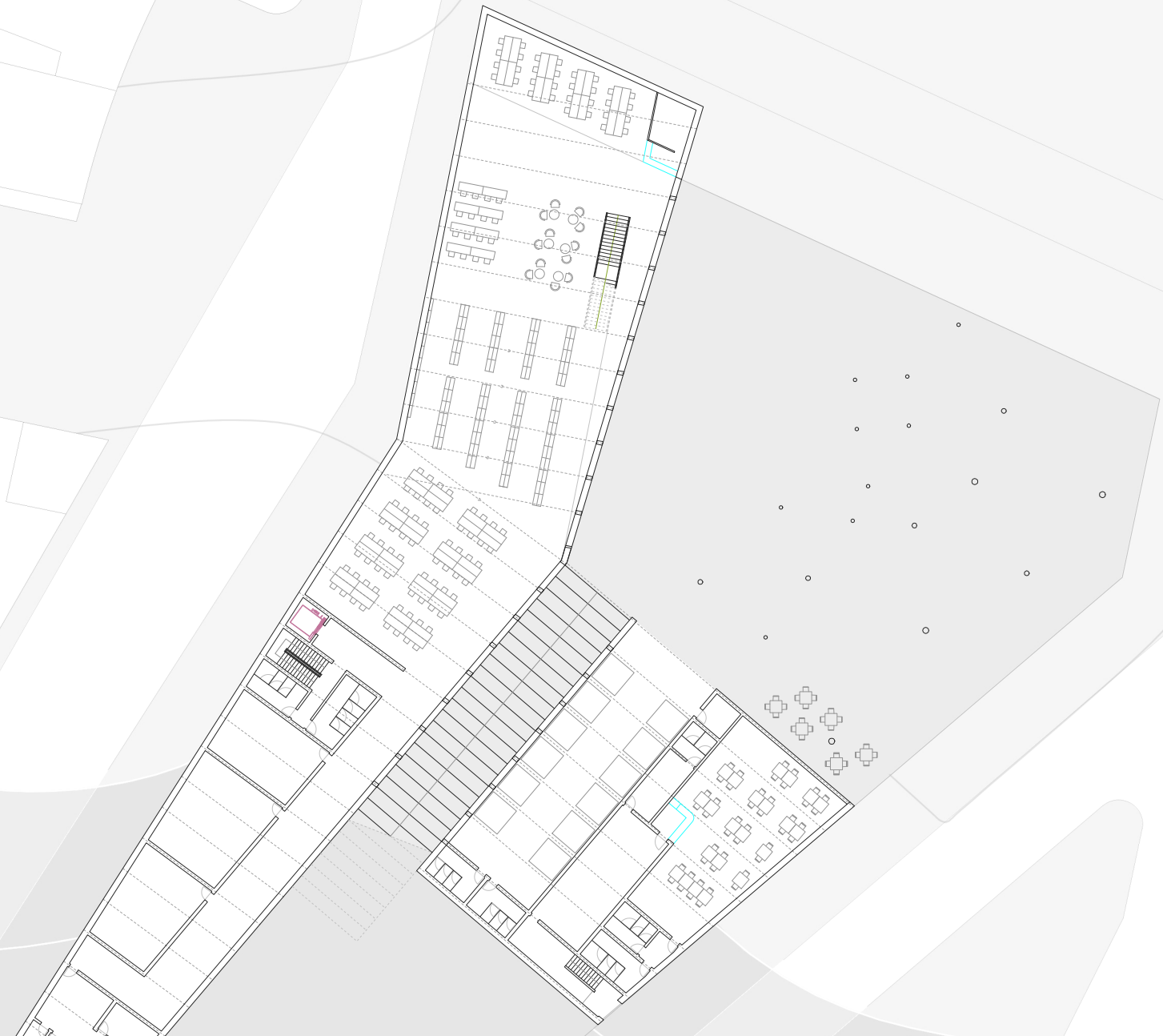


Fig.83. Planta piso 0 | Escala 1/500

088

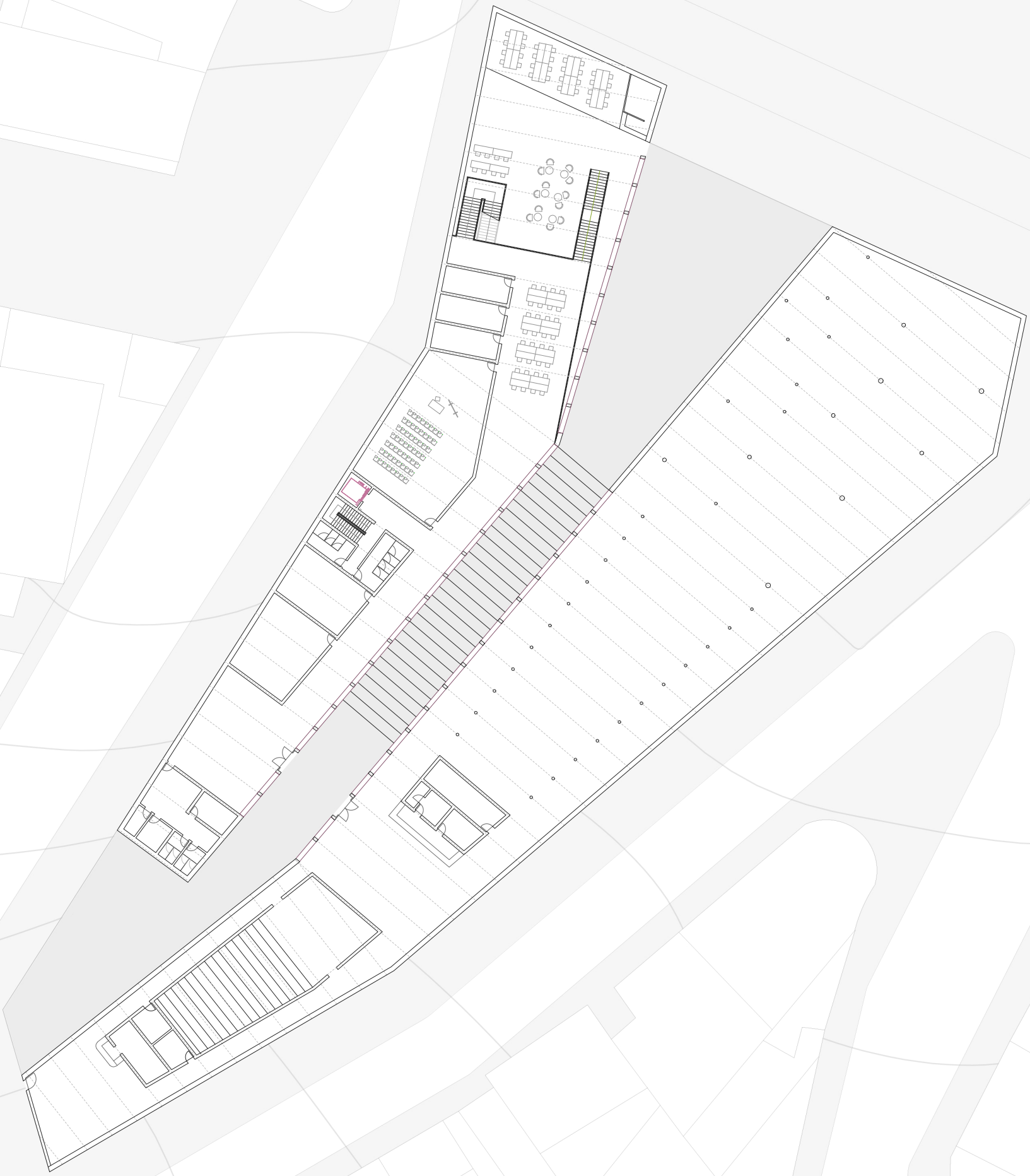


Fig.84. Planta piso 1 | Escala 1/500

090

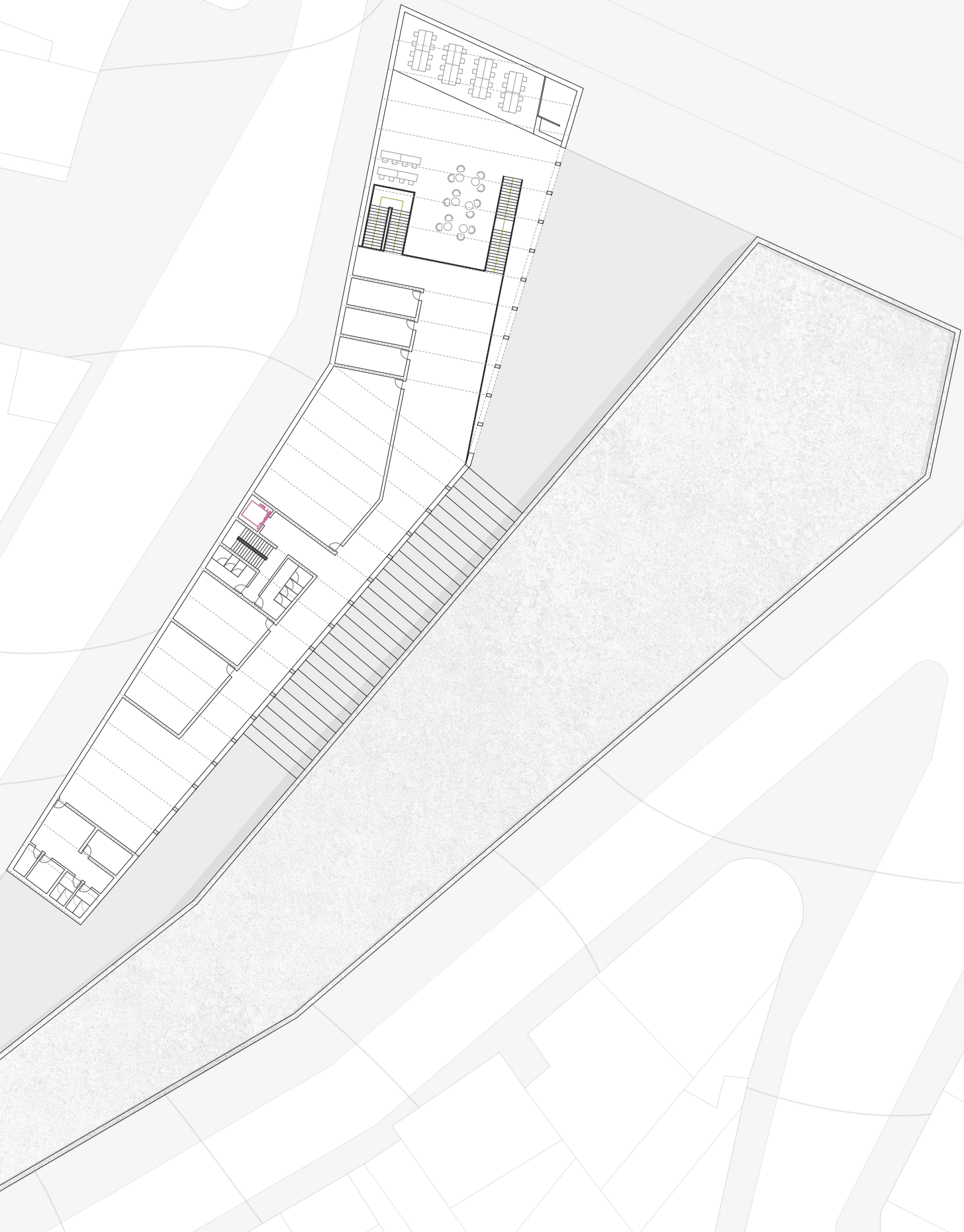


Fig.85. Planta piso 2 | Escala 1/500





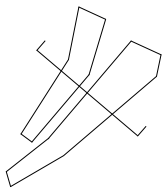


Fig.86. Corte A





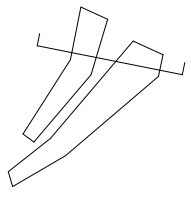
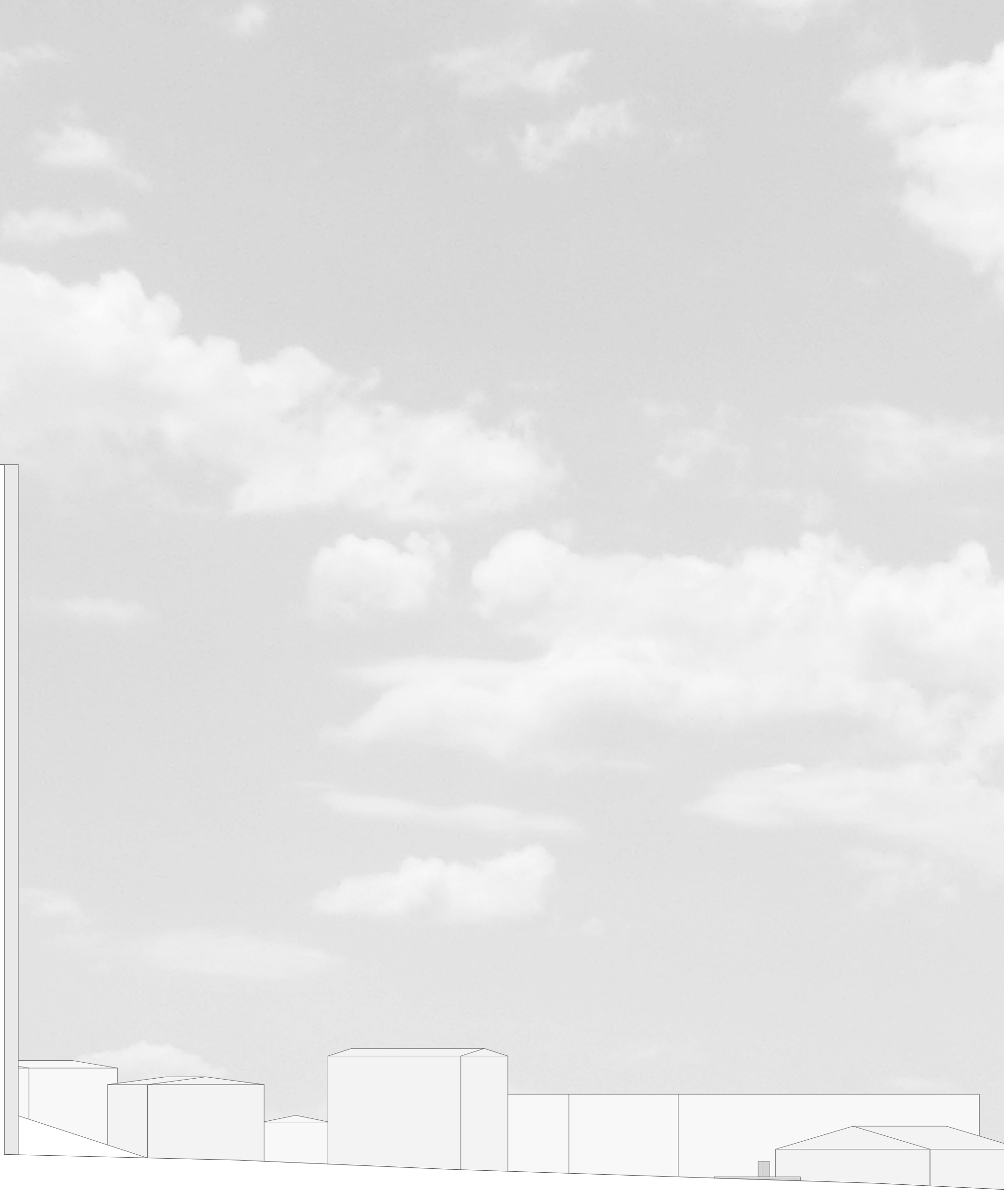


Fig.87. Corte B



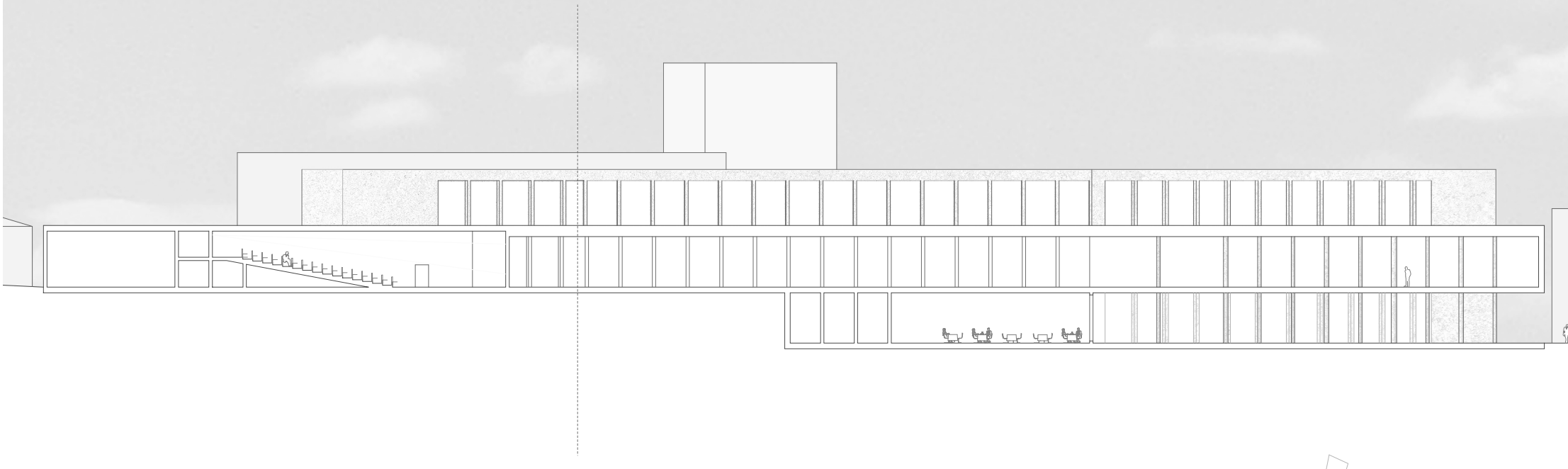
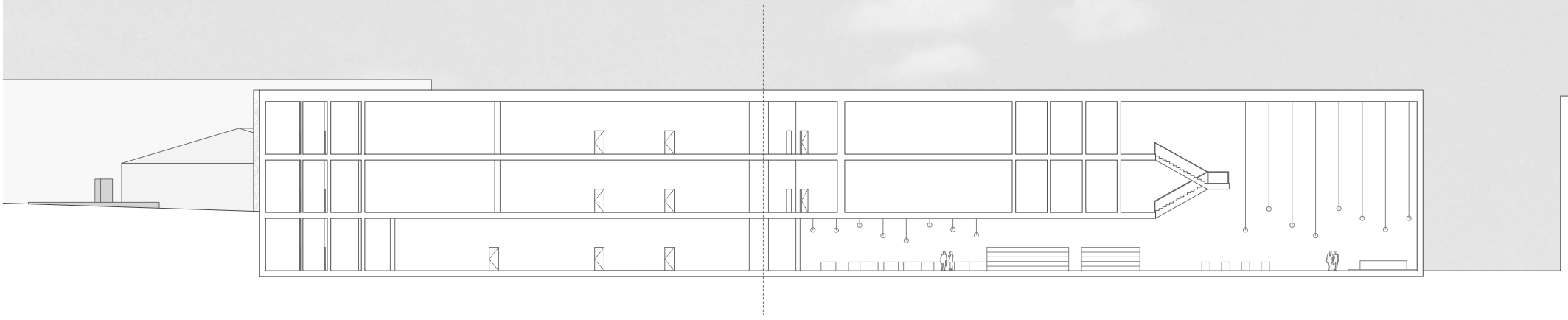


Fig.88. Corte C





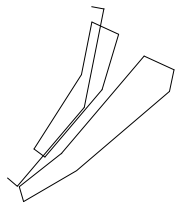
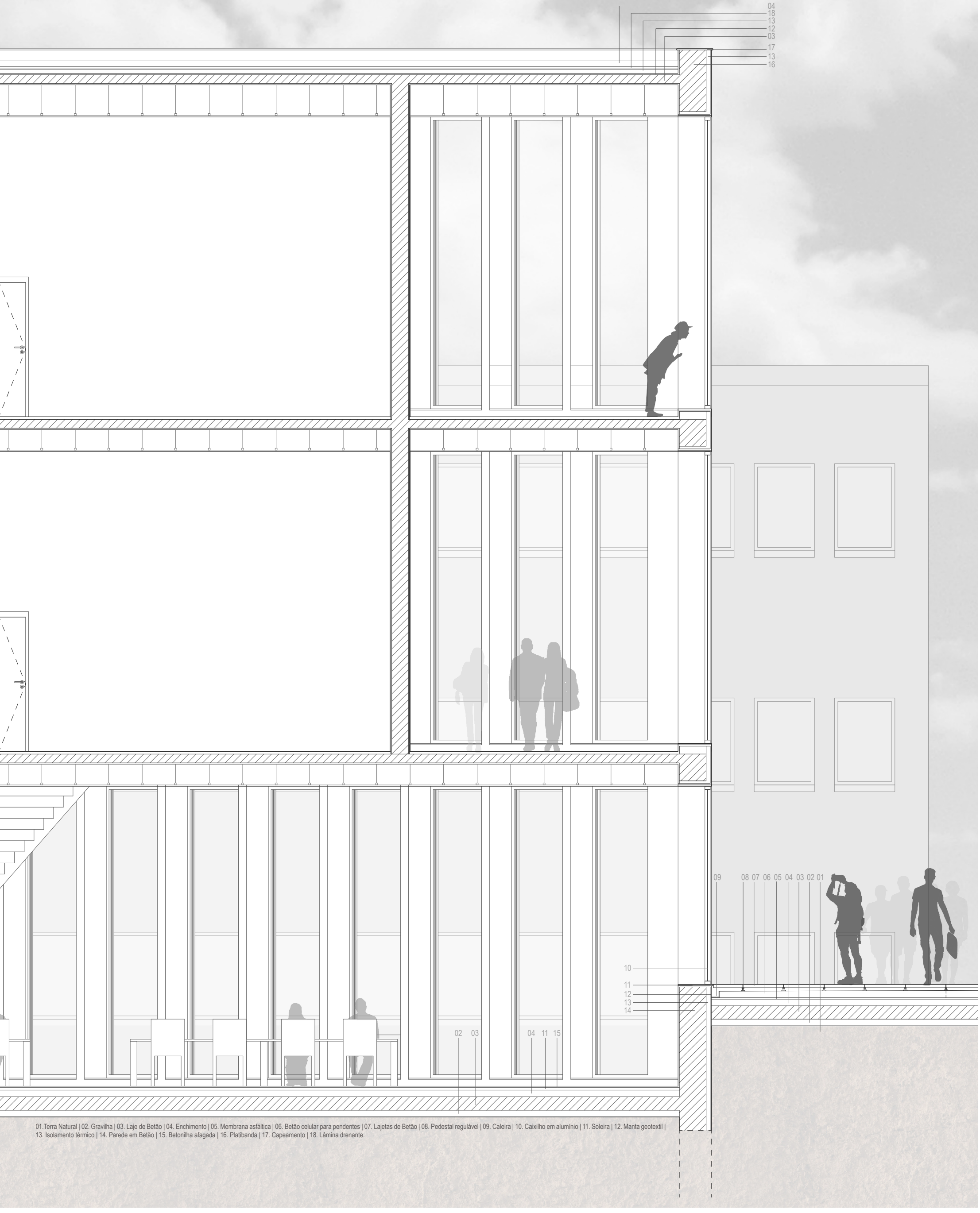


Fig.89. Corte D



01.Terra Natural | 02. Gravilha | 03. Laje de Betão | 04. Enchimento | 05. Membrana asfáltica | 06. Betão celular para pendentes | 07. Lajetas de Betão | 08. Pedestal regulável | 09. Caleira | 10. Caixilho em alumínio | 11. Soleira | 12. Manta geotextil | 13. Isolamento térmico | 14. Parede em Betão | 15. Betonilha afagada | 16. Platibanda | 17. Capeamento | 18. Lâmina drenante.

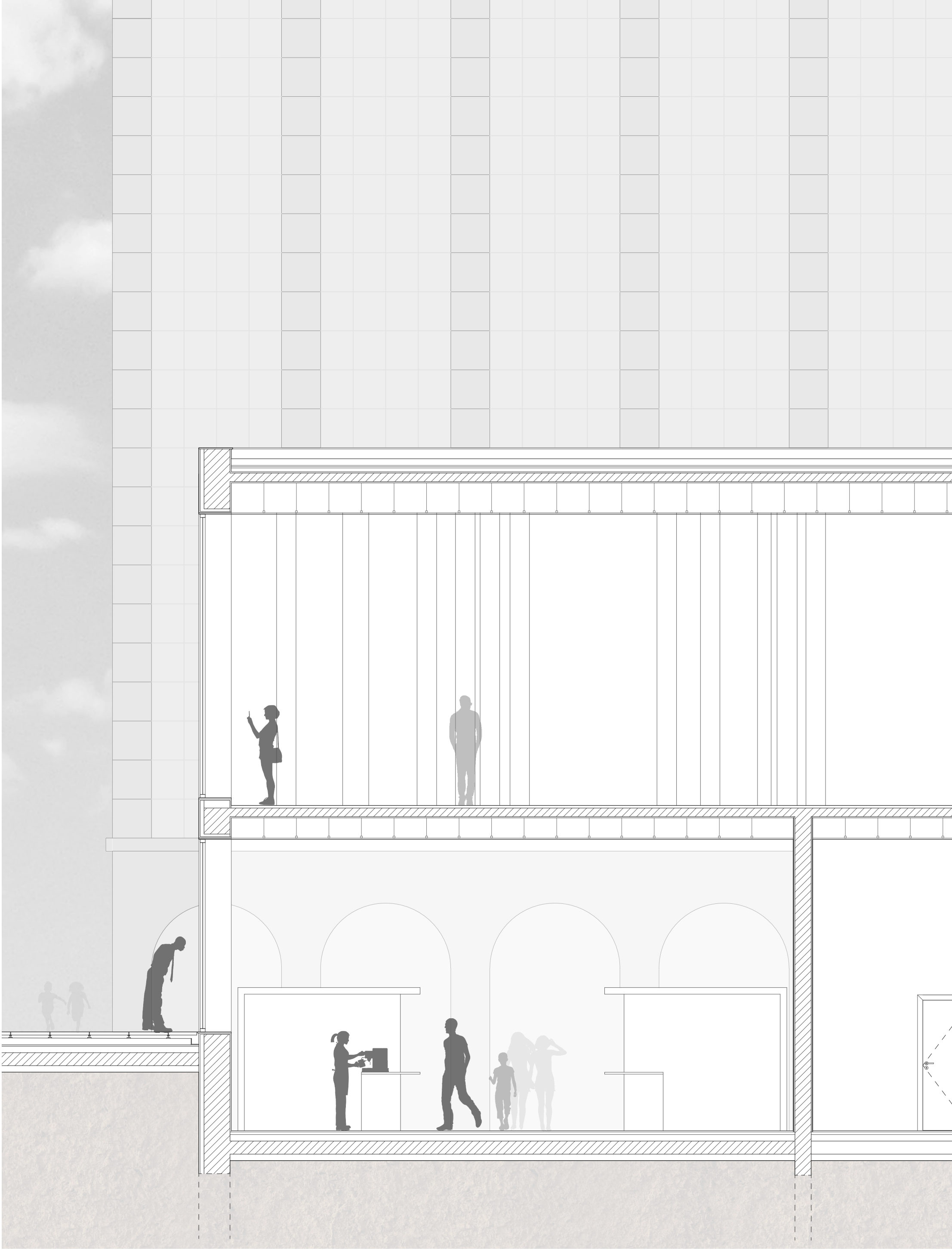


Fig.90. Corte construtivo (A partir do “Corte A”)

bibliografia

AMARAL, Ilídio do; *Luanda (Estudo de Geografia Urbana)*; Memórias da Junta de Investigações do Ultramar. n.º53. Lisboa, 1968.

AMARAL, Ilídio; *Luanda e os seus "musseques", Problemas de Geografia Urbana*, Finis-Terra, Lisboa, 1983

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Editora 90º, Lisboa, 1992.

BETTENCOURT, Andrea; *Os Musseques de Luanda*; Tese de Mestrado, FAUTL, Lisboa, 2011

CORREIA, Maria Alice; *O "patrimônio" do movimento moderno: Luanda 1950-1975*, Tese de Doutoramento, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012

COSTA, Vasco Vieira; *Luanda, Plano Para a Cidade Satélite n.º3*, Escola Superior de Belas Artes do Porto – Curso de Arquitetura, Departamento de
Arquitetura da Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola, Porto, 1984

DAR, Dar Al-Handasah; *Planos Integrados de Expansão Urbana e de Infra-Estrutura de Luanda / Bengo*. Luanda 2008

DEVELOPMENT WORKSHOP; *Terra, reforma sobre a terra urbana em Angola no período pós-guerra*: pesquisa, advocacia e políticas de desenvolvimento, Development Workshop, Luanda, n.º6

FONTE, Maria Manuela Afonso da; *Urbanismo e arquitetura em Angola – Norton de Matos à revolução*; Edição Caleidoscópio, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa 2012

MAGALHÃES, Ana; *Moderno Tropical*; Edição Tinta da China. Lisboa 2009

MARTINS. Isabel Maria; *Luanda, A cidade e a arquitetura*. Tese de Doutoramento, Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura do Porto, Porto 2002

MILHEIRO. Ana Vaz; *Nos trópicos sem Le Corbusier*, Arquitetura Luso-Africana no Estado Novo; Relógio D'Água, 2012

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque; *Continuidades e Descontinuidades de um Processo Colonial através de uma leitura de Luanda*: Uma Interpretação de Desenho Urbano, Terceira Margem, São Paulo, 2006

PEPETELA; *Luandando*, Elf Aquitaine Angola, Porto, 1990

PIRES, Rui; *Luanda, cidade portuguesa fundada por Paulo Dias de Novais em 1575*; Direcção dos Serviços de Economia - Secção de Publicidade.

PRADO. Roberto Goycoolea; *La modernidad ignorada*: Arquitetura moderna de Luanda. Universidad de Alcalá, Outubro de 2011

Hans Rau in *La superfície de uns pieza de hormigón es el reflejo del encofrado*, (resumo espanhol) Detail, Zeitschrift für Architektur + Baudetail, 2001 – Bauen mit Beton, (p.99).

Angola : província de Portugal em África. - Luanda : Direcção dos Serviços de Economia, 1953.

Governo de Angola, www.governo.gov.ao

Governo de Angola, www.embaixadadeangola.org

indíce de figuras

011 **Fig.1.** Bairros da Corimba e do Prenda . Kostadin Luchansky, 2013
013 **Fig.2.** Imagem satélite de Luanda em 2013 . Valério Freitas Neto, 2014
015 **Fig.3.** Mapa de itenerários da Exposição Horizonte Portugal . Duarte Belo, 2013
016/017 **Fig.4.** Sé de Viseu . Duarte Belo, Arquivo Horizonte Portugal, 2013
018/019 **Fig.5.** Praia da Ursa no litoral de Sintra . Duarte Belo, Arquivo Horizonte Portugal, 2013
023 **Fig.6.** Vista da baixa da cidade em 1888 . Rebelluspetrinus, 1883
023 **Fig.7.** Vista da baixa da cidade em 1970 . Centro Info. Turismo de Angola, 1970
023 **Fig.8.** Vista da baixa da cidade em 2009 . Lars Rohwer, 2009
025 **Fig.9.** Reinos do continente Africano no séc. XVI . Autor Desconhecido, séc. XVII
025 **Fig.10.** Localização da Ilha de Luanda em Mapa do Reino do Congo de séc. XVI . Jodocus Hondius, séc. XVII
025 **Fig.11.** Localização de Luanda, na actual República de Angola . Valério Freitas Neto, 2014
027 **Fig.12.** Rainha Ginga, herorina nacional . Autor Desconhecido, séc. XVII
027 **Fig.13.** Representação da Cidade de Luanda em 1647 . Barlaeus, 1647
027 **Fig.14.** Representação da Cidade de Luanda em 1655 . Johannes Vingboons, 1665
027 **Fig.15.** Principais edificações na cidade de Luanda entre séc. XVI e inicios do séc. XVIII . Valério Freitas Neto, 2014
029 **Fig.16.** Representação da cidade de Luanda em 1755 . Alexandre Pedroso
029 **Fig.17.** Ocupação Portuguesa em angola em 1845 . Autor Desconhecido
029 **Fig.18.** Representação da cidade de Luanda em 1926 . Alexandre Pedroso
029 **Fig.19.** Principais edificações na cidade de Luanda entre o séc. XVIII e séc XIX . Valério Freitas Neto, 2014
031 **Fig.20.** Esquema cidades satélite por Vasco Vieira da Costa (esquerda) com a planta das cidades satélite de De Groer (direita) . Vasco Vieira da Costa, 1942
031 **Fig.21.** Plano Urbano de Luanda de 1949 . Ministério do Ultramar, 1949
031 **Fig.22.** Plano Diretor de Luanda de 1961 . Simões de Carvalho, 1961
031 **Fig.23.** Principais edificações na cidade de Luanda no séc. XX . Valério Freitas Neto, 2014
033 **Fig.24**. Sobreposição entre a Planta da cidade atual de Luanda e o plano das 5 Cidade Satélite . Valério Freitas Neto, 2014
035 **Fig.25.** Ocupação formal e informal do território . Valério Freitas Neto, 2014
036/037 **Fig.26.** Esquemas da expansão urbana da cidade de Luanda entre 1974 e 2013 . Valério Freitas Neto, 2014
041 **Fig.27.** Vias Estruturantes da cidade . Valério Freitas Neto, 2014
043 **Fig.28.** Levantamento edifícios e espaços importantes da cidade . Valério Freitas Neto, 2014
045 **Fig.29.** Circulação rodóviaria no centro de Luanda e vias principais . Valério Freitas Neto, 2014
047 **Fig.30.** Foto aerea de Luanda em 1970 . Vasco Viera da Costa, 1970
047 **Fig.31.** Foto aerea Luanda em 2014 . Valério Freitas Neto, 2014
047 **Fig.32.** Sobreposição entre as duas fotos aéreas . Valério Freitas Neto, 2014
048/049 **Fig.33.** Imagem satélite de Luanda em 2013 . Valério Freitas Neto, 2014
051 **Fig.34.** Espaço publico no interior de musseque (campo de futebol) . Sam Seyffert, 2009
053 **Fig.35.** Àgora de Atenas . Ken Salvador, 2006
053 **Fig.36.** Fórum Romano . Autor Desconhecido
053 **Fig.37.** Terreiro do Paço / Praça do Comércio . Valério Freitas Neto, 2015
053 **Fig.38.** Praça da Independência / Largo 1º de Maio . Tiago Neves, 2010
054/055 **Fig.39.** Largos e edíficios notáveis da baixa de Luanda . Valério Freitas Neto, 2014
057 **Fig.40.** Vista Aérea da Baía . Autor Desconhecido
057 **Fig.41.** Mobiliário urbano . Valério Freitas Neto, 2014
057 **Fig.42.** Pavimento e mobiliário urbano . Valério Freitas Neto, 2014
057 **Fig.43.** Ciclovia . Valério Freitas Neto, 2014
057 **Fig.44.** Localização da Baía de Luanda . Valério Freitas Neto, 2014
059 **Fig.45.** Largo D. Henrique . Valério Freitas Neto, 2014
059 **Fig.46.** Entrada principal para a Fortaleza pela Calçada . Valério Freitas Neto, 2014
059 **Fig.47.** Antiga escadaria que ligava Fortaleza ao Largo . Valério Freitas Neto, 2014
059 **Fig.48.** Localização do largo (extracto de mapa de 1862) . F. Dutra, 1862
059 **Fig.49.** Esquema de localização do Largo e Fortaleza . Valério Freitas Neto, 2014
061 **Fig.50.** Vista geral do largo Rainha Ginga . Valério Freitas Neto, 2014
061 **Fig.51.** Aproximação do mobiliário e pavimento do largo . Valério Freitas Neto, 2014
061 **Fig.52.** Fachada da Igreja Nossa Senhora dos Remédios . Valério Freitas Neto, 2014
061 **Fig.53.** Esquema de localização do Largo . Valério Freitas Neto, 2014
063 **Fig.54.** Render da futura praça gerada pelo Museu da Moeda . Costa Lospes
063 **Fig.55.** Render com proposta de utilização da futura praça . Costa Lopes
063 **Fig.56.** Fotomontagem dos espaços e edificios na vizinhança da praça . A400, 2011
063 **Fig.57.** Esquema de localização da Praça e do Banco Nacional . Valério Freitas Neto, 2014
065 **Fig.58.** Antigo Mercado do Kinaxixe (antes da demolição) . Autor Desconhecido
065 **Fig.59.** Antigo Largo do Kinaxixe . Autor Desconhecido
065 **Fig.60.** Render do futuro Shopping Kinaxixe . Autor Desconhecido
065 **Fig.61.** Esquema de localização do Largo e futuro Shopping . Valério Freitas Neto, 2014
067 **Fig.62.** Vista geral do Largo com o GPL e o ministério das finanças . Valério Freitas Neto, 2014
067 **Fig.63.** Largo da Mutamba . Valério Freitas Neto, 2014
067 **Fig.64.** Paragem de autocarros junto ao Ministério . Valério Freitas Neto, 2014

067 **Fig.65.** Posto da TCUL junto ao GPL . Valério Freitas Neto, 2014
067 **Fig.66.** Esquema de localização do Largo, GPL e Ministério das Finanças . Valério Freitas Neto, 2014
069 **Fig.67.** Visa aérea geral do Largo Lumeji .Autor Desconhecido
069 **Fig.68.** Percepção do declive no largo . Valério Freitas Neto, 2014
069 **Fig.69.** Largo a partir do teatro Chá de Caxinde . Valério Freitas Neto, 2014
069 **Fig.70.** Utilização inadequada do Largo pelo peão . Valério Freitas Neto, 2014
069 **Fig.71.** Esquema de localização do Largo e edifícios importantes ao redor . Valério Freitas Neto, 2014
071 **Fig.72.** Localização do espaço escolhido para implantação do Centro de Investigação . Valério Freitas Neto, 2014
075 **Fig.73.** Esquema Resumo Espaços Públicos . Valério Freitas Neto, 2014
077 **Fig.74.** Teatro Chá de Cachinde . Valério Freitas Neto, 2014
077 **Fig.75.** Transportes públicos mutamba . Valério Freitas Neto, 2014
077 **Fig.76.** Largo Lumeji . Autor Desconhecido
077 **Fig.77.** Vista geral do Largo da Mutamba . Valério Freitas Neto, 2014
079 **Fig.78.** Esquemas escolha de forma do edificio . Valério Freitas Neto, 2014
079 **Fig.79.** Implantação do edificio na área escolhida . Valério Freitas Neto, 2014
081 **Fig.80.** Planta de Cobertura 1/500 . Valério Freitas Neto, 2015
082/083 **Fig.81.** Alçados Sudeste 1/500 . Valério Freitas Neto, 2015
084/085 **Fig.82.** Alçados Nordeste 1/500 . Valério Freitas Neto, 2015
086/087 **Fig.83.** Planta piso 0 | Escala 1/500 . Valério Freitas Neto, 2015
088/089 **Fig.84.** Planta piso 1 | Escala 1/500 . Valério Freitas Neto, 2015
090/091 **Fig.85.** Planta piso 2 | Escala 1/500 . Valério Freitas Neto, 2015
092/093 **Fig.86.** Corte A . Valério Freitas Neto, 2015
094/095 **Fig.87.** Corte B . Valério Freitas Neto, 2015
096/097 **Fig.88.** Corte C . Valério Freitas Neto, 2015
098/099 **Fig.89.** Corte D . Valério Freitas Neto, 2015
100/101 **Fig.90.** Corte construtivo (A partir do “Corte A”) . Valério Freitas Neto, 2015

anexos

Figura 9

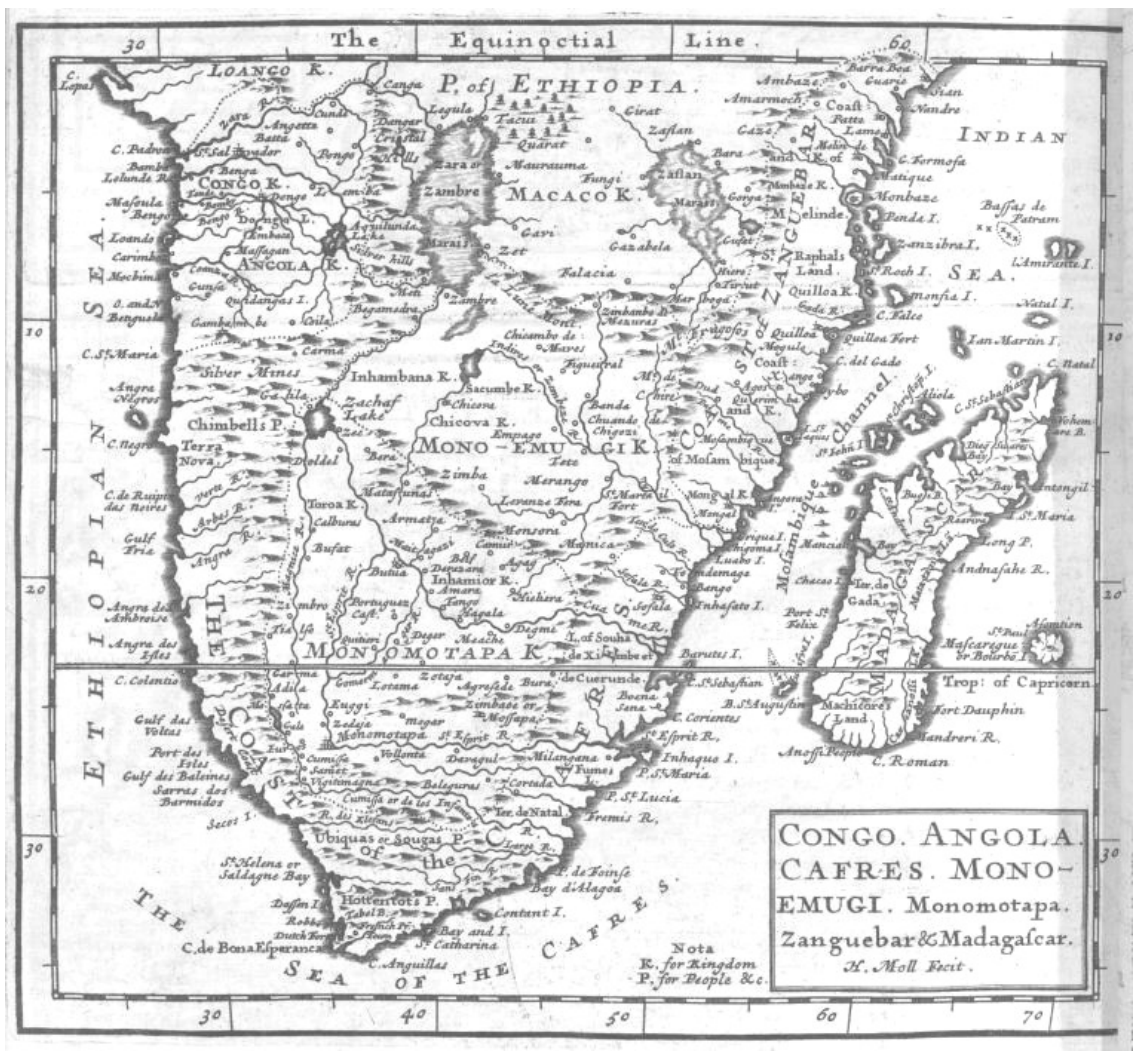

The Equinoctial Line.
30
60
LOANGO K.
P. of ETHIOPIA.
INDIAN SEA.
CONGO K.
ANGOLA K.
MACACO K.
ZANGUEBAR
MELINDE
Mombaze
Zanzibra I.
Quilloa K.
Inhambana K.
Chicova K.
MONO-EMU GI K.
Zimba
Merango
Toroa K.
Armazia
Inhamior K.
MONOMOTAPA K.
Chimbells P.
Silver Mines
Terra Nova
Gulf Trie
Angra des Ashroise
Angra des Isles
Mozambique Channel
Trop: of Capricorn
Machiloes Land
Fort Dauphin
Mandreri R.
C. Roman
Ubiquas or Sougas P.
of the
Hottentots P.
Bay d'Alagoa
C. de Bona Esperance
C. Anguillas
SEA OF THE CAFRES
ETHIOPIA THE
CONGO. ANGOLA. CAFRES. MONO-EMUGI. Monomotapa. Zanguebar & Madagascar.
H. Moll Fecit.
Nota
K. for Kingdom
P. for People &c.
30
40
50
60
70
10
20

Figura 10

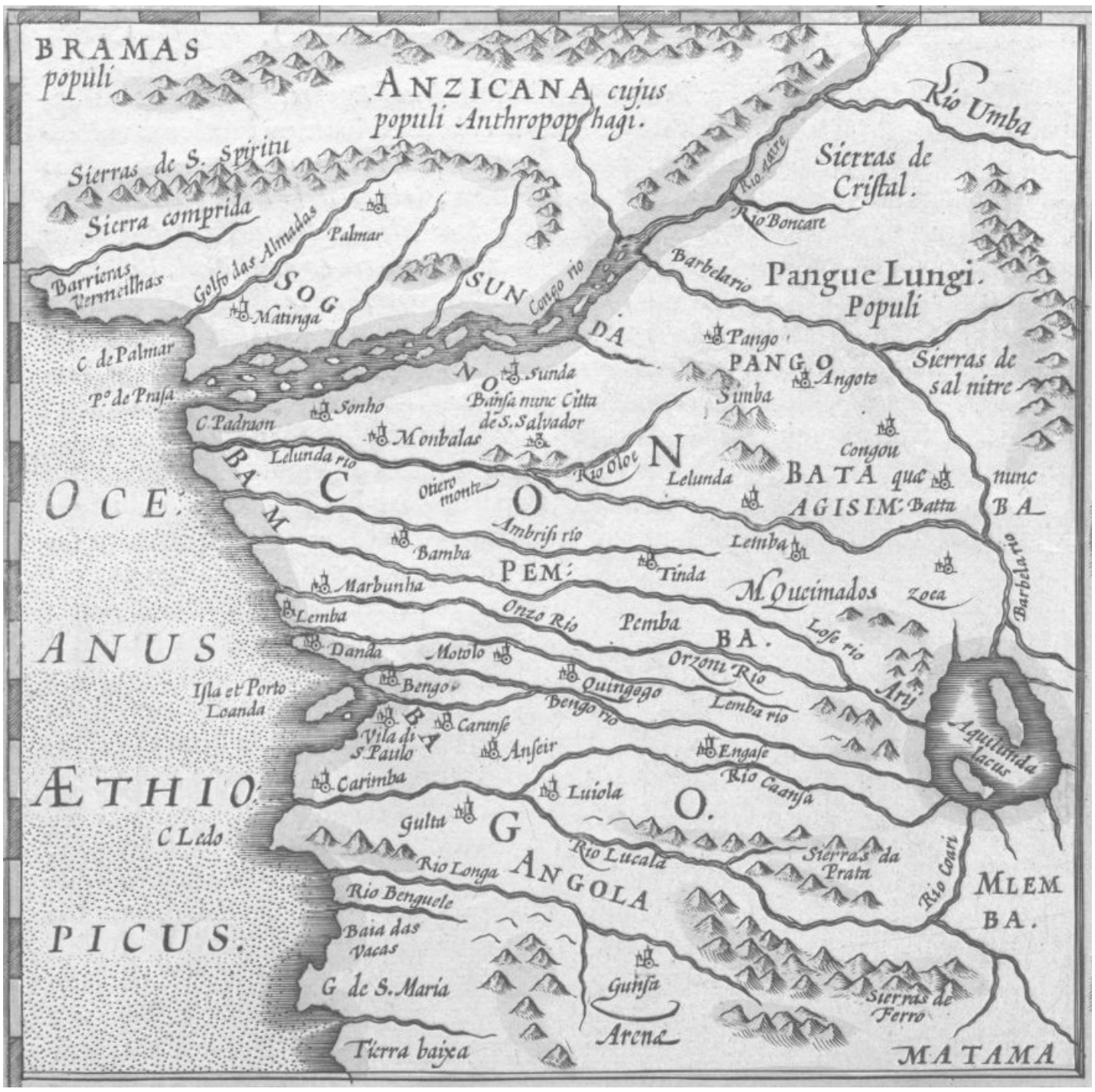
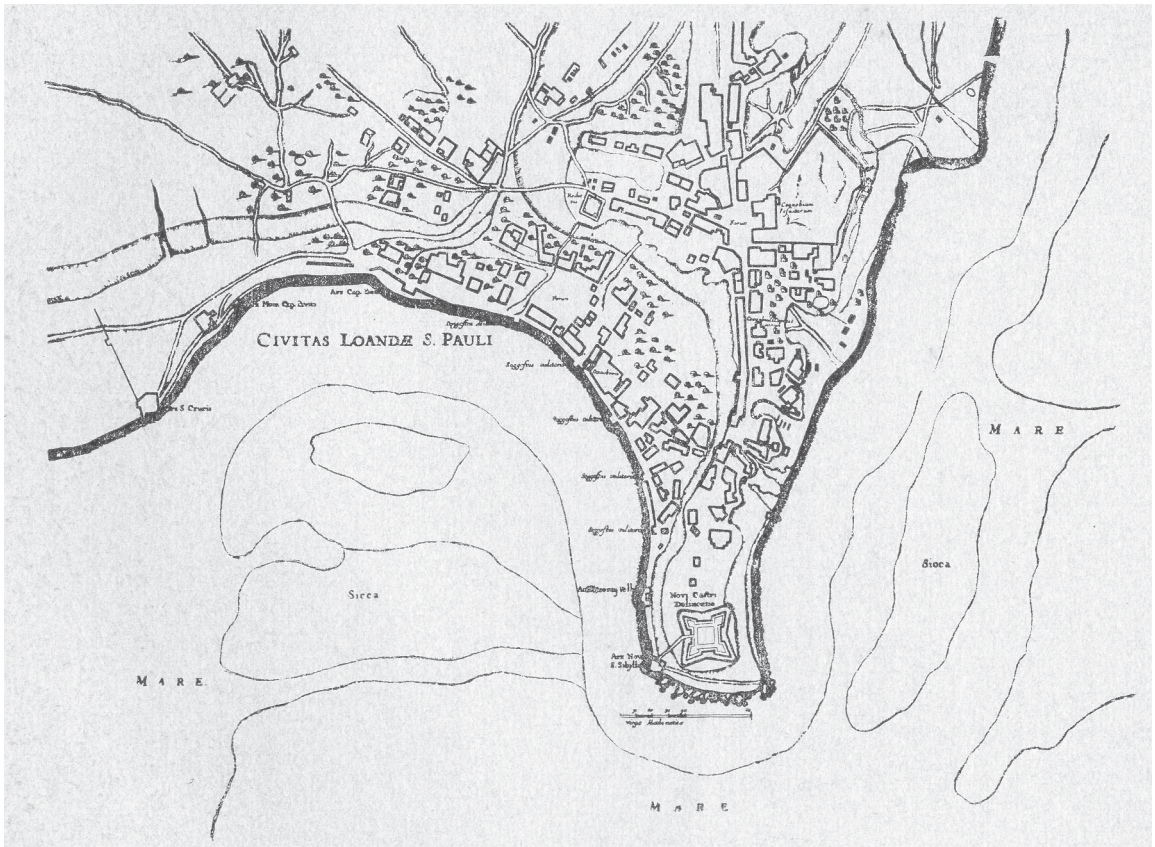

BRAMAS
populi
ANZICANA cujus
populi Anthropophagi.
Sierras de S. Spiritu
Sierra comprida
Palmar
Barrientos Vermelhas
Golfo das Almadas
SOG
Matinga
SUN
Congo rio
DA
Rio Umba
Rio daire
Sierras de Crifstal.
Rio Boncare
Barbelario
Pangue Lungi.
Populi
Pango
PANGO
Angote
Simba
Sierras de sal nitre
C de Palmar
Pto de Praia
Sonho
C Padraon
Monbalas
NO
Sunda
Banfa nunc Citta de S. Salvador
Congou
Lelunda rio
Rio Oloe
N
Lelunda
BATA quæ nunc
AGISIM: Batta
BA
OCE.
Otiero monte
Ambrifi rio
Bamba
Lemba
Tinda
PEM:
M. Queimados
Zoca
Barbela rio
Marbunha
Lemba
Onzo Rio
Pemba
BA.
Lofe rio
ANUS
Danda
Motolo
Orzoni Rio
Arij
Isla et Porto Loanda
Bengo
Quingego
Bengo rio
Lemba rio
Aquilimda lacus
Caranfe
Vila di S. Paulo
Anfeir
Engafe
Rio Caanfa
Carimba
Luiola
O.
ÆTHIO.
C Ledo
Gulta
G
Rio Lucala
Sierras da Prata
Rio Coari
Rio Longa
ANGOLA
MLEMBA.
Rio Benguele
Baia das Vacas
PICUS.
G de S. Maria
Gunfa
Arena
Sierras de Ferro
Tierra baixa
MATAMA

Figura 13



Planta da Cidade de S. Paulo de Luanda segundo Barlaeus (1647)

Figura 14



Figura 16


Planta Topographica dest.ª da Cidade de Sam Paulo
Praya
Ribeira de Anhangabahu

Figura 17

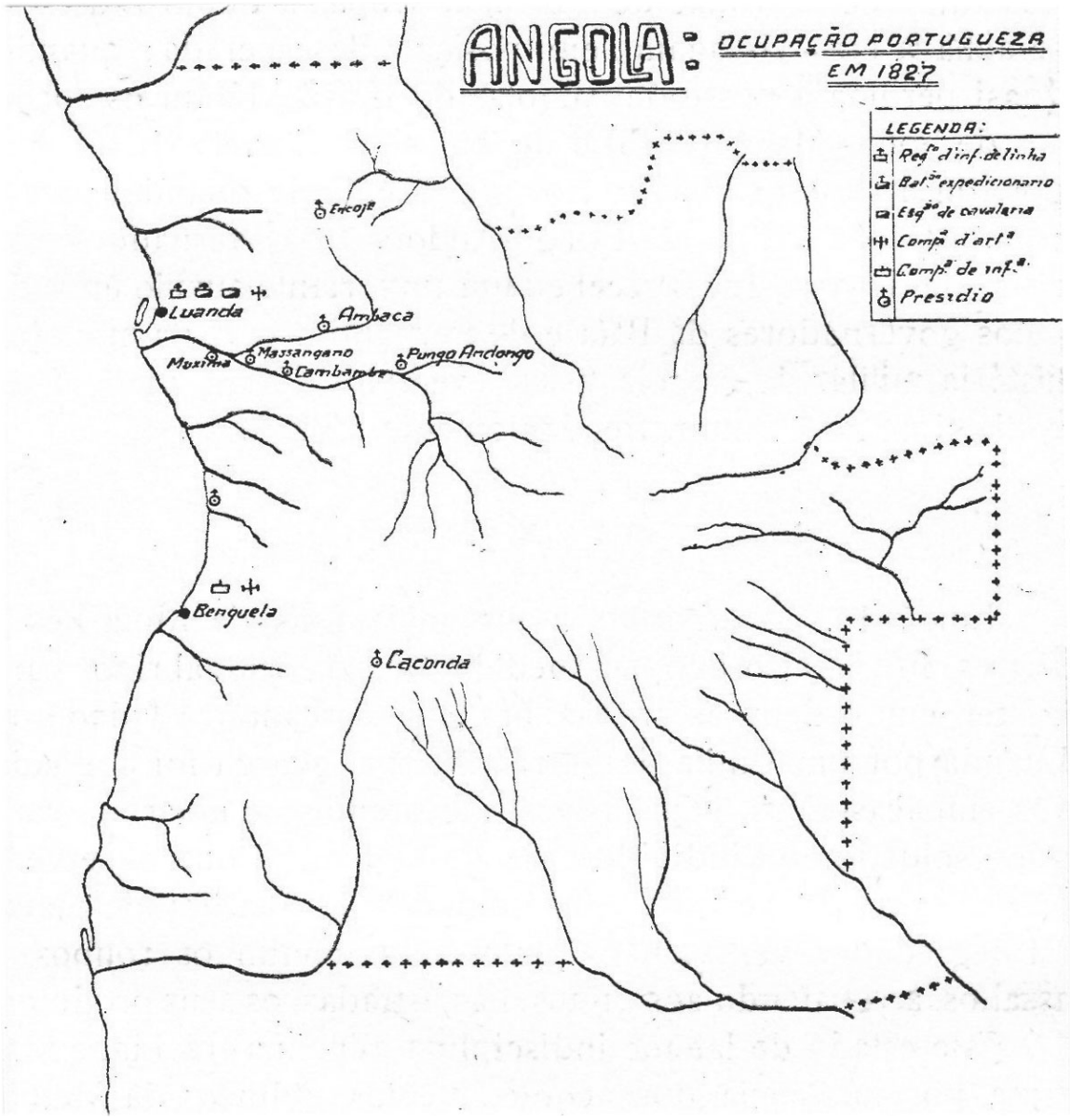

ANGOLA: OCUPAÇÃO PORTUGUEZA EM 1827
LEGENDA:
Reg.to d'inf.a de linha
Bat.ão expedicionario
Esq.ão de cavalaria
Comp.a d'art.a
Comp.a de inf.a
Presidio
Encoje
Luanda
Ambaca
Massangano
Muxima
Cambambe
Pungo Andongo
Benguela
Caconda

Figura 18

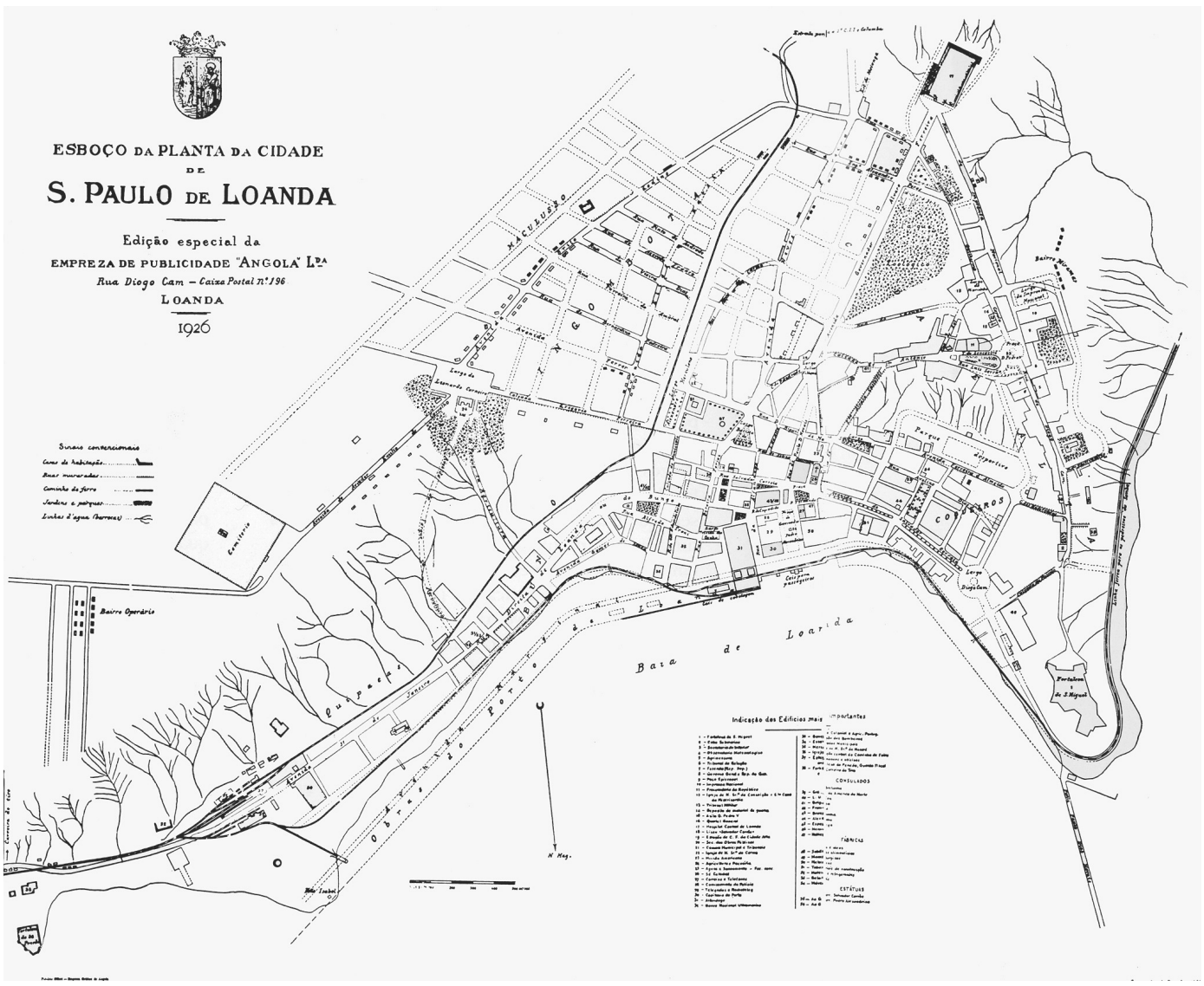

ESBOÇO DA PLANTA DA CIDADE
DE
S. PAULO DE LOANDA
Edição especial da
EMPREZA DE PUBLICIDADE "ANGOLA" Lda
Rua Diogo Cam – Caixa Postal N.º 196
LOANDA
1926
Baia de Loanda
Bairro Operário
Obras do Porto
Indicação dos Edificios mais importantes

Figura 20

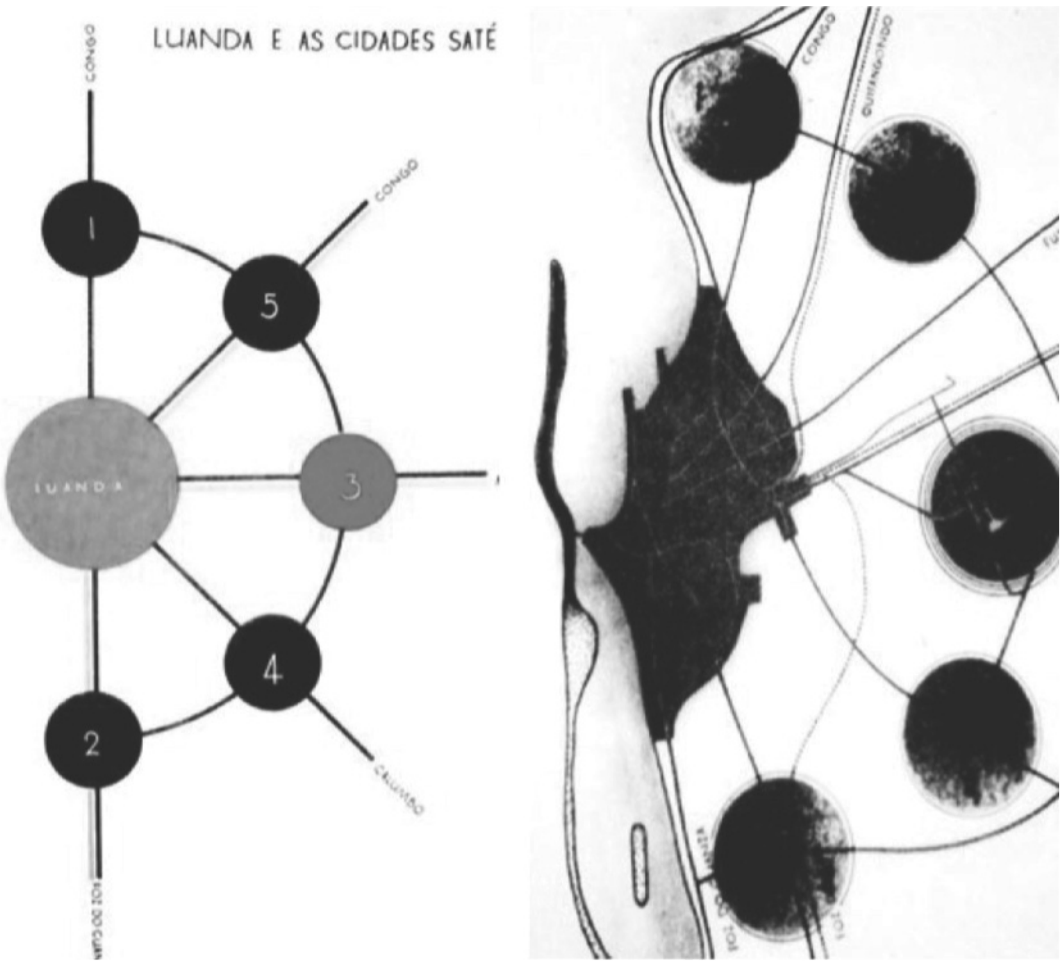

LUANDA E AS CIDADES SATÉ
CONGO
1
5
LUANDA
3
4
2
CONGO
CUANZA
CONGO
QUIFANGONDO

Figura 21



Figura 22



Legenda Figura 39

1. FORTALEZA DE SÃO MIGUEL
2. ANTIGO TEATRO AVENIDA
3. CORREIOS DE ANGOLA
4. 1ª ESQUADRA DA POLICIA NACIONAL
5. MUSEU DA MOEDA
6. BANCO NACIONAL DE ANGOLA
7. BPC
8. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
9. IGREJA NOSSA SR.ª DA NAZARÉ
10. TORRE SECIL
11. CLUBE DESPORTIVO FERROVIÁRIO
12. CAMINHOS DE FERRO DE LUANDA
13. IGREJA NOSSA SR.ª DOS REMÉDIOS
14. TEATRO ELINGA
15. MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
16. GOVERNO PROVINCIAL DE LUANDA
17. MINISTÉRIO DA CONSTRUÇÃO
18. TEATRO CHÁ DE KAXINDE
19. UNIVERSIDADE LUSIADA
20. EDIFÍCIO COQUEIROS
21. ESTÁDIO MUNICIPAL DOS COQUEIROS
22. PALÁCIO EPISCOPAL
23. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
24. MINISTÉRIO DO PLANEAMENTO
25. ANTIGA ASSEMBLEIA NACIONAL
26. PALÁCIO DA JUSTIÇA
27. ESCOLA SÃO JOSÉ DE CLUNY
28. MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL
29. ANTIGO MERCADOS DO KINAXIXI
30. CEMITÉRIO ALTO DAS CRUZES
31. ESCOLA 3002
32. ESCOLA MUTU YA KEVELA
33. ESCOLA ALDA LARA
34. PRÉDIO DO LIVRO
35.HOSPITAL JOSINA MACHEL / MARIA PIA
36. NOVA ASSEMBLEIA NACIONAL
37. MAUSULÉU/ CENTRO CULTURAL AGOSTINHO NETO
38. IGREJA SAGRADA FAMILIA
39. HOSPITAL MILITAR
40. ESCOLA N'ZINGA M'BANDE
41. HOTEL PRESIDENTE
42. MINISTÉRIO DO COMÉRCIO

A. LARGO INFANTE D. HENRIQUE
B. LARGO DO ATLÉTICO
C. LARGO RAINHA GINGA
D. LARGO DA MUTAMBA
E. LARGO IRENE COHEN
F. LARGO DO KINAXIXI
G. LARGO DO AMBIENTE
H. LARGO LUMEJI
I. LARGO DO HOSPITAL
J. JARDINS CENTRO CULTURAL AGOSTINHO NETO
K. LARGO LENINE

EDIFÍCIOS IDENTIFICADOS COMO PATRIMÓNIO
EDIFÍCIOS DE CARIZ CULTURAL
VIAS DE LIGAÇÃO ENTRE ESPAÇOS PÚBLICOS NO CENTRO
ESPAÇOS PÚBLICOS
ESPAÇO PÚBLICO EDIFICADO

Figura 48


LOANDA
CAPITAL DE ANGOLA
Planta levantada por F. DUTRA
por ordem do Governador Geral Calheiros
1862
ESCALA 1/1500
CIDADE ALTA
PORTO DE LOANDA
N
Fortaleza de S. Miguel
Quartel de Infantaria
Palacio do Governo
Secretarias
Palacio do Bispo
Collegio
Igreja de S. Antonio
Igreja da Misericordia
Igreja de S. José
Igreja de Nossa Senhora
Igreja de Santa Maria
Igreja de Nossa Senhora da Conceição
Igreja de Nossa Senhora do Carmo
Igreja de Nossa Senhora da Victoria
Igreja de Nossa Senhora da Saude
Igreja de Nossa Senhora da Guia
Igreja de Nossa Senhora da Nazareth
Igreja de Nossa Senhora da Penha de França
Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte
Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem
Igreja de Nossa Senhora da Boa Esperança
Igreja de Nossa Senhora da Boa Vista
Igreja de Nossa Senhora da Boa Fé
Igreja de Nossa Senhora da Boa Sorte
Igreja de Nossa Senhora da Boa Ventura
Igreja de Nossa Senhora da Boa Memoria
Igreja de Nossa Senhora da Boa Lembrança
Igreja de Nossa Senhora da Boa Recordação
Igreja de Nossa Senhora da Boa Saudade
Igreja de Nossa Senhora da Boa Amizade
Igreja de Nossa Senhora da Boa Companhia
Igreja de Nossa Senhora da Boa Esperança
Igreja de Nossa Senhora da Boa Vista
Igreja de Nossa Senhora da Boa Fé
Igreja de Nossa Senhora da Boa Sorte
Igreja de Nossa Senhora da Boa Ventura
Igreja de Nossa Senhora da Boa Memoria
Igreja de Nossa Senhora da Boa Lembrança
Igreja de Nossa Senhora da Boa Recordação
Igreja de Nossa Senhora da Boa Saudade
Igreja de Nossa Senhora da Boa Amizade
Igreja de Nossa Senhora da Boa Companhia
Alle das Cuicas
Cemiterio